

A Educação Nacional

Do mesmo Autor

SCENAS DA VIDA AMAZONICA, com um estudo
sobre *As populações indígenas e mesticas da Amazonia*, Lisboa, 1886.

ESTUDOS BRAZILEIROS (*Litteratura, Historia, Ethnographia, Critica*), Pará, 1889.

JOSÉ VERISSIMO

A EDUCAÇÃO NACIONAL

Este livro, quero que seja um protesto,
um grito de alarma de *são brazileirismo*,
um brado de entusiasmo para um futuro
melhor.

SYLVIO ROMÉRO, *Hist. da Litt. Braz.*



Pará

EDITORES — TAVARES CARDOSO & C.^a

LIVRARIA UNIVERSAL

MDCCCXC

PARÁ—BRAZIL.

IMPRESA DE TAVARES CARDOSO & C.^ª

29—Travessa de S. Matheus—29

MDCCCXC

MEC-UFRN - BIBLIOTECA CENTRAL

37.035

20140320

N.º da chamada

registro

VS17 UR

Fornecedor

Reete Selvana Dantas

Forma de aquisição

Doação

—
Empenho

127,00
Preço

7 sistema 19987



INTRODUÇÃO

HAZ um anno, examinando contristado a situação moral do Brazil, no prefacio do livro *Estudos Brasileiros*, concluia eu essa desanimadora revista por estas palavras: «Em meio do desalento geral e da funda descrença que lavra não só os espiritos que o vento do scepticismo tinha preparados, mas ainda o povo estranho aos embates do pensamento moderno, surge apregoando-se capaz de regenerar o paiz a idéa republicana.» E, tendo singelamente declarado o meu pensamento a respeito da intuição do republicanismo militante no

Brazil, e da impossibilidade da federação com a monarchia, reparava: « Pois bem, forçosamente republicano, não porque acredite na efficacia e infallibilidade da republica, na qual vejo apenas uma resultante e não um factor, uma formula governamental mas não a fórma definitiva que ainda escapa ás nossas previsões, porém por julgal-a determinada pelas nossas circumstancias politicas e evolução historica, é, sinão com hostilidade, ao menos sem nenhuma sympathia que encaro o actual movimento republicano, fadado por ventura a não remoto triumpho.»

Está feita a Republica. Sómente veio um pouco mais cedo que o previam quantos os destinos do Brazil occupavam. Si o seu advento a alguém surprehendeu, foi áquelles que mais concorreram para apressal-o, os parlamentaristas e os politicistas. Com esses realisou-se o *quod volumus* ás avessas. Não é tempo ainda de julgar si ella cumprio ou cumprirá as promessas feitas.

O factó da mudança de fórma de governo, maiormente por causas onde não sei si o futuro

historiador descobrirá algum elemento de reacção patriótica, não é, entretanto, de per si mesmo bastante para facultar-nos uma éra nova de regeneração. As fórmulas de governo têm um valor relativo, mesmo porque, consoante o demonstra a historia e o ensinam os mais allumiados pensadores, a força progressiva das nações actúa de baixo para cima e não de cima para baixo. É no povo que reside, e é a somma de seus esforços, em qualquer ordem de phenomenos, que produz a Civilisação e o Progresso.

No Brazil a republica pode e, devemos todos ao menos esperar, ha de ser um bem, por dous motivos de ordem mais elevada que o parvoinho jacobinismo com que a preconisavam hontem ou a endeosam hoje os que fazem d'isto uma questão de fé e sentimento.

O primeiro e acaso mais ponderoso é que, conforme disse no trecho que tomei a liberdade de citar, ella era fatalmente determinada pela nossa evolução historica e circumstancias politicas. Ha na historia uma especie de fatalismo, a

rever as leis que presidem á evolução geral da Humanidade, e que, nada obstante o ingente trabalho dos pensadores desde Aristoteles, a Sociologia — sciencia ainda vaga e fluctuante — não conseguiu até agora estabelecer e demonstrar. A uma d'essas leis, certo, obedeceu a nossa recente evolução social apenas apressada pelo fortuito de uma causa que logicamente a não devia produzir. É que na historia o acaso, consoante o pensar de Littré, não é um effeito sem causa, mas um effeito produzido por um encontro de causas entre si independentes. ¹

A outra razão porque deve ser-nos a republica prestadia, é comportar moldes mais amplos, fôrmas politicas e administrativas mais largas que a monarchia, o que para nós povos americanos, mais que necessario, é indispensavel á nossa evolução.

A federação, erradissimo alvitre para salvar

¹ *Transrationalisme* in *Rev. de la Phil. Posit.* Tom. xxiv, pag. 40.

a caduca instituição, era irrealisavel sob a tórma monarchica, na qual tambem se não ageitavam as reformas projectadas pelo ministerio deposto com a dynastia.

Estas considerações, porém, por mais incontestaveis que sejam, não nos devem induzir a crêr a simples mudança da nossa fórma de governo capaz de renovar de todo em todo e para melhor o paiz. A historia é feita com um elemento, o povo; é, pois, o povo, e não o governo quem em definitiva pode radicalmente mudar as condições de uma nação, cujos vicios e defeitos — cumpre insistir — são antes seus que dos que administram e dirigem. Sobrou, por isso, razão a quem disse, cada povo tem o governo que merece.

Si, como forçoso é reconhecer, o estado moral do Brazil, e ainda seu estado material, é propriamente desanimador e precario e, sobretudo está muitissimo áquem das justissimas aspirações dos patriotas e dos gloriosos destinos que lhe antevemos, não ha tão pouco negar que nem só-

mente a monarchia e as instituições que lhe eram ministras, não nós todos somos d'isso culpados.

É, pois, a nós mesmos, é ao povo, é á nação, que cumpre corrigir e reformar, si quizermos realise a republica as bem fundadas e auspiciosas esperanças que alvoreceu nos corações brasileiros.

Para reformar e restaurar um povo, um só meio se conhece, quando não infallivel, certo e seguro, é a educação, no mais largo sentido, na mais alevantada accepção d'esta palavra.

Nenhum momento mais propicio que este para tentar esse meio, que não querem adiado os interesses da patria. Affirma um perspicuo e original historiador da pedagogia, que do estudo da historia e evoluimento da educação publica resulta, entre outras, esta conclusão: «uma reforma profunda na educação publica e nacional presume uma reforma egualmente radical no governo.»¹

¹ C. Issaurat, *La Pédagogie son évolution et son histoire*, Paris, 1886, pag. 485.

Nós tivemos já a reforma radical no governo, cumpre-nos completar a obra da revolução pela reforma profunda da nossa educação nacional.

II

Brazileiro nenhum, estudando com amor, á falta de talento, a sua patria, em todas as manifestações da sua vida, na sua Politica, na sua Arte, na sua Industria, na sua Litteratura, e até nos seus Costumes e Tradições, deixará de verificar consternado a pobreza do nosso sentimento nacional.

Por sentimento nacional entendo eu não só essa maneira especial de sentir, isto é, de receber e reproduzir as impressões, que distingue os povos uns dos outros, mas ainda o conjuncto de impressões recebidas em uma perenne communhão com a patria e transformadas no cerebro

em idéas ou sensações que têm a patria por origem e fim, causa e effeito. D'est'arte concebido o sentimento nacional é elle independente do character nacional, antes dependente de causas extrinsecas de ordem physica que de causas moraes de ordem psychica.

O Brazil, graças á unidade de raça formada pelo franco cruzamento das tres que aqui concorreram no inicio da nossa constituição nacional, graças a não perturbação d'esse primeiro resultado pela concurrencia de elementos estrangeiros, assim como á unidade da lingua, da religião, e, em summa, das tradições que mais puderam influir n'aquelle facto, isto é, as portuguezas, tem incontestavelmente mais accentuado character nacional que os Estados-Unidos. E semelhante facto, escrevi eu algures ¹: nos assegura um movimento social mais lento, é verdade, porém mais firme.

¹ *As Populações indigenas e mestiças da Amazonia*, in *Scenas da Vida Amazonica*, Lisboa, 1886, pag. 28.

Ali, onde um grave pensador allemão, o celebre Dr. Strauss, não reconhece character nacional, ¹ são muitos, diversos e desencontrados, os elementos ethnicos e sociaes. Ha o allemão, saxonio, lutherano ou evangelico; ha o inglez, anglo-saxonio, presbyteriano ou anglicano; ha o irlandez, celto-bretão, catholico, além do francez, além do negro, além do hollandez, sem contar com o indio e o chinez quasi eliminados. Cada um guarda mais ou menos a sua lingua ou o seu dialecto, e ainda a sua litteratura e as suas tradições. Por causas especialissimas, e que serão ainda n'este livro indagadas, esta amalgama pôde produzir uma grande nação, á qual todavia mais que a nós falta character nacional.

Porém, singularissima anomalia, ali, onde tal character quasi não existe, é forte o sentimento nacional que a nós, com characteristics muito mais distinctas e maior homogeneidade nos fal-

¹ *L'Ancienne et la nouvelle foi*, Trad. Narval, Paris, 1876, pag. 239.

lece. Para accentuar esta profunda differença entre nós e aquella nação, sobejam duas causas.

Ali a desusada prosperidade nacional que a copiosissima immigração e a abundancia de excellentes terras em grande parte explicam, gerou em uma raça naturalmente desvanecida o orgulho nacional, que no americano entra por muito no sentimento a que alludo. Na collectividade, como no individuo, o orgulho — tomada esta expressão a boa parte — é uma das forças do character, aquella que nos não consente baixezas e nos instiga melhorias. Em uma nação é ella por tanta maneira util, que pode ser causa ou estímulo do patriotismo, como nos Estados-Unidos.

Acolá, chegada a nação ao apogêo dos progressimentos materiaes, a ponto de competir com as mais velhas e adeantadas do mundo, a consciencia do trabalho feito e da relevancia dos esforços de envolta com a certeza do triumpho, geraram n'uma raça já de si soberba o orgulho nacional, revelando-se caracteristicamente na in-

clinação ao grandioso e colossal. As suas cidades, as suas construcções, os seus edificios e monumentos, á falta de gosto ou arte, são ao menos estupendos.

No Brazil não havemos desgraçadamente de que ter orgulho nacional. Em alguma parte da sua *Historia da Litteratura Brasileira*, observa o Sr. Sylvio Romero que quando outros povos, citam vaidosos os seus grandes homens ou as suas grandes obras, os seus poetas, os seus sabios, os seus estadistas eminentes, os seus poderosos escriptores, nós, é á nossa natureza que vamos buscar d'onde vangloriar-nos, e enquanto elles nos repetem os seus nomes celebres ou os seus trabalhos famosos, nós contestamos-lhes com o «magestoso Amazonas,» as «soberbas florestas,» os «rios gigantes,» quando não vamos até errar a geographia patria, falando em «montanhas que tocam as nuvens.»

A educação nacional, largamente derramada e diffundida, com o superior espirito de ser um factor moral de nacionalismo, poderosissima-

mente concorreu para despertar no americano o sentimento patriótico. Teve esse grande povo a intuição de que a escola, isto é, a mesma educação prodigamente distribuída a todos os cidadãos, devia de ser a cadeia que ligasse os elementos heterogêneos da nação. ¹ É assim, sem obstáculo da federação e do espírito individualista do elemento anglo-saxónico ali predominante, a unidade escolar, unidade de espírito, entenda-se, veio a ser um remédio ás fundas diversidades de raça, de religião e de costumes.

Não succedeu no Brazil infelizmente o mesmo. Além de nunca lhe havermos dado a importância social que lhes mereceu a elles, jamais a espalhamos em relação siquer comparavel com o que elles fizeram. E sem impedimento da nossa centralisação administrativa e politica, a escola brazileira, isolada na esphera de uma pura e estreita acção de rudimentar instrucção primaria, não teve a minima influencia nem na

¹ V. adiante o Cap. *A Educação Nacional*.

formação do character, nem no desenvolvimento do sentimento nacional.

Sem orgulho patriótico, sem educação civil, sem concorrência de espécie alguma, o character brasileiro, já de si indolente e molle, como que deprimio-se, e o sentimento nacional que luz pela primeira vez na lucta com os hollandezes, e depois nos conflictos de nacionaes e portuguezes nas épocas que proximamente antecederam ou seguiram a Independencia, esmorece, diminue, quasi desaparece.

Indagando, com esta minha velha preocupação de nacionalismo, as manifestações d'esse sentimento nas mais características fórmulas do sentir de um povo, na sua poesia e na sua arte, foram sempre negativos os resultados. Em abono de asserto semelhante escrevi eu em outro ensaio: «As maiores commoções politicas ou sociaes por que tem passado o Brazil, como, e não falo sinão de factos contemporaneos, as revoluções de 17 em Pernambuco e 42 em Minas, os diversos movimentos sediciosos do momento da

Independencia, a revolução do Rio Grande do Sul, a guerra da Cisplatina ou a guerra do Paraguay, os phenomenos mais caracteristicos da nossa nacionalidade, como a escravidão, não só como instituição juridica mas como um facto consuetudinario, digamos assim, nada d'isso deixou um signal apreciavel em o nosso romance ou em a nossa poesia.»¹

Varias causas acudiram a estorvar em nós o *brazileirismo*. Direi das mais salientes.

É principal a desmarcada *estensão* do paiz comparada com a sua escassa e rareada *população*. Isolados nas localidades, nas *capitanias* e depois nas *provincias*, os habitantes, por assim dizer, viveram alheios ao paiz. *Desenvolveu-se* n'elles antes o sentimento local que o patrio. Ha bahianos, ha paraenses, ha paulistas, ha *riograndenses*. Raro existe o brasileiro. É *phrase* commum: *Primeiro sou paraense* (por exemplo) *depois*

¹ O romance naturalista no Brazil, estudos publicados na *Provincia do Pará* de 17-23 Janeiro de 89.

brazileiro. Outros dizem: *a Bahia é dos bahianos, o Brazil é dos brasileiros*. Pela falta de vias de comunicação, carestia e difficuldade das poucas existentes, quasi nenhuma havia entre as provincias. Rarissimo ha de ser encontrar um brasileiro que por prazer ou instrucção haja viajado o Brazil. Durante muito tempo os estudos se iam fazer á Europa, muito especialmente a Portugal. Lisboa e Coimbra eram as nossas capitães intellectuaes. As relações commerciaes foram até bem pouco tempo quasi exclusivamente com aquelle continente e com aquelle estado. Tudo isto vinha não só da geographia do paiz, mas tambem da ciosa legislação portugueza que de industria procurando isolar as capitánias, longe de acoroçoar as relações entre ellas, preferia as tivessem com o reino. D'estes differentes motivos procede o estreito provincialismo brasileiro, conhecido sob o significativo appellido de *bairrismo*, que hostilisava e refugava de si o mesmo brasileiro oriundo de outra provincia alcunhando-o, no Pará por exemplo, de *barlaventista*.

A falta de uma organização consciente da educação publica do mesmo passo cooperou para manter esse isolamento e como quer que seja, essa incompatibilidade entre os filhos e habitantes das diversas provincias. A educação nacional a que os Estados-Unidos recorreram para reduzir e atalhar os perigos que á unidade da nação trouxesse um demasiado espirito local, nunca a houvemos, nem ainda hoje a temos aqui.

Pessimamente organizada, a instrucção publica no Brazil, não procurou jamais ter uma funcção na integração do espirito nacional. A escola viveu sempre accaso mais isolada pelo espirito que pelo espaço e topographia. Si n'ella se tratava da patria, não era com mais individualidade, cuidado e amor que de outras terras. Era antes vulgar merecer menos. A mesma provincia não foi jamais objecto de estudo especial. Porém essa, ao menos de experiencia propria e por assim dizer intuitivamente, vinha mais ou menos a conhecel-a o natural. Foi durante muito

tempo numeroso o exodo das crianças a estudar fóra do paiz, na idade justamente em que se começa a formar o character e o coração, e em que se recebem as primeiras e eternas impressões do amor da familia e do amor da terra. Nem ao menos vinham a ser uteis esses cidadãos, assim alheitados da patria. Não iam em idade de adquirir outro saber que não aquelle galantemente taxado por Montaigne de *sciencia livresca*, e tornavam em geral descaroaveis da patria e de seus costumes, e profundissimamente ignorantes d'ella. Muitos d'esses achavam-se depois — imagine-se com que sentimento nacional — á frente dos seus negocios.

O illetrado brasileiro — ainda ha pouco 84% da população — nada encontrou que impressionando seus sentidos lhe falasse da patria e a seu modo fosse tambem um factor da sua educação. Não ha museus, não ha monumentos, não ha festas nacionaes. O que frequentou a escola, onde lh'a não fizeram conhecer e amar, desadorando a leitura e o estudo, não procurou fazer-se a si

proprio uma educação patriótica. Esta mesma boa vontade ser-lhe-hia aliás difficil realisar, pela falta de elementos indispensaveis. Porque, em virtude mesmo d'esta indiferença pelas cousas nacionaes, conforme vou aqui apontando, de modo algum combatida pela educação publica, é pauperrima a nossa litteratura nacionalistica.

O nosso jornalismo, quiçá mais numeroso que notavel, afóra a politica e as pequenas noticias, os *faits divers*, escassamente occupa-se do Brazil. É mais facil encontrar n'elles noticia de cousas estrangeiras — europeás para ser mais preciso — que do paiz; e nas provincias si raro é o jornal de algum valor que não tenha uma correspondencia de Lisboa ou de Paris, porventura se toparia algum que a tivesse, não de outra parte do Brazil, mas do Rio de Janeiro. Não possuimos uma unica revista que leve a todos os cantos do paiz os trabalhos dos seus escriptores, dos seus pensadores, dos seus artistas e os estudos do paiz feitos. Não temos illustrações

por onde fiquemos conhecendo os diversos aspectos da variadíssima paizagem brasileira, ou as obras e construcções no Brazil e por brasileiros feitas, nem os nossos homens e successos notaveis, nem algum raro monumento erigido. ¹

Os excellentes livros que sobre nós escreveram alguns sabios viajantes estrangeiros, ficaram até agora por traduzir e, desencontradiços nos livreiros indigenas, sómente na livraria de algum raro curioso de cousas patrias, se nos deparam. Livros proprios sobre cousas brasileiras, tirante os romances que, de passada note-se, esses mesmos começam a escacear — são raros.

¹ Aqui na capital do Pará, onde escrevo (e o mesmo, sei, acontece em geral nas outras capitães dos estados) cidade de população talvez não inferior a 80 mil habitantes, é mais difficil encontrar ou obter um livro (ou outro qualquer product) brasileiro que qualquer obra estrangeira, mesmo allemã ou italiana. As principaes revistas europeas têm aqui assignantes. A recente *Revista de Portugal* possui talvez mais de trinta. A mallograda *Revista Brasileira*, creio apenas tinha uns quatro. Livro ou periódico publicado fóra do Rio de Janeiro, é para nós como si o fóra na China.

O desanimador resultado d'estes factos infelizmente incontestaveis, é esta dolorosa verdade:

— Nós nos ignoramos a nós mesmos!

E a funestissima consequencia d'esta ignorancia é a extrema pobreza sinão falha completa de sentimento nacional.

O mencionado isolamento das capitancias primeiro e das provincias ao depois, não só determinado, segundo vimos, por condições geographicas e economicas, como nos tempos coloniaes systematicamente acoroçoado pela metropole como medida politica, preparou de longa mão o espirito regional do Brazil, e assim tornou possível sem abalo nem vexame a actual federação.

Certo não virá ao espirito de nenhum brasileiro atacar a federação instituida pela revolução de 15 de Novembro, da qual esperamos todos largos beneficios para o paiz. Mas sómente aos politicos obsecados pelas suas paixões partidarias, será licito cegar-se á evidencia das cousas e confiar inteiramente em fórmulas e formulas de governo. A confederação em si mesma tem os

seus perigos, que avultam n'um paiz qual o nosso onde o sentimento regional prevalece ao nacional e onde — diga-se francamente — é latente, em alguns estados ao menos, o espirito separatista. Um publicista americano, considerando o antagonismo entre a confederação e a nação, d'est'arte se exprime: «O estado confederado é a real antithese do principio nacional, como a confederação é fatalmente a antagonista da nação historicamente considerada. A qualquer luz encaradas, tornam-se manifestas estas antitheses. A nação, como organismo social, suppõe uma unidade organica; e este organismo é que a ninguem é dado transmittir. Para a confederação é artificial a existencia da sociedade, formada como uma associação de homens em determinada commuidade de interesses, ou apenas como a reunião d'aquelles que vivendo antes separados, voluntariamente a ellas accederam. É no desenvolvimento da vida historica do povo na sua unidade, que origina-se a nação; a confederação prejulga como origem da sociedade o acto

voluntario d'aquelles que individual ou collectivamente a realisaram, e suas instituições tem apenas esse precedente formalistico.» ¹

Estas differenças fundamentaes na evolução e indole da nação encerram os perigos intrinsicos d'esta fórma, perigos que aos politicos previdentes cabe antever e conjurar. Além d'esses a federação brazileira encerra especialmente um outro e gravissimo, qual é a indicada falta ou pobreza de sentimento nacional, tornando acaso provaveis, e em todo o caso possiveis, as tentativas de separação.

Estados sei eu onde o partido bastante ousado e anti-patriotico para soltar o grito de separação, estaria certo de acordar secretas aspirações e geraes sympathias, que não duvidariam talvez vir á praça manifestar-se. Um pequeno facto, entre mil que o observador está nos casos de verificar: n'este Estado foi a gloriosa bandeira bra-

¹ E. Mulford, *The Nation, the foundation of civil order and political life in United-States*, Boston, 1882, pag. 324.

zileira, nunca d'antes arriada diante de ninguem, nem por ninguem impunemente menospresada, substituida no tope do palacio do governo por um estandarte de que usava o Club Republicano, branco e encarnado. Reintegrada depois — desgraçadamente com modificações infelicissimas — até hoje, quatro mezes após, não foi ainda hasteada em nenhum dos edificios publicos do Estado. Identico successo teve aqui tambem lugar com o nosso entre todos bellissimo restaurado hymno nacional.

É este apprehensivo estado do espirito publico, antepondo o sentimento provincial ao sentimento nacional, e gerando, em alguns Estados ao menos, um claro espirito separatista que é preciso debellar, si queremos realmente conservar intacta a gloriosa herança de nossos paes, a unidade sagrada e inviolavel da patria — condição indispensavel para a realisação dos seus altos e preclaros destinos.

III

Para a realização d'esses destinos — e deve ser esta a nossa cara, ardente e constante preocupação e esperança, como para despertar o sentimento da patria, do mesmo passo combater o espirito separatista e acima do principio federativo pôr a unidade moral da nação — impõe-se-nos como o mais urgente dever a criação da educação nacional.

Horacio Mann, uma d'essas nobres figuras que com Franklin, William Penn, Washington, Jefferson, Lincoln e outros serão a eterna honra e a eterna gloria dos Estados-Unidos, declarava falando da educação publica: O primeiro dever dos nossos magistrados e dos chefes da nossa republica é de subordinar tudo a este interesse supremo. Em nossos paizes e em nossos dias,

ninguem é benemerito do titulo de homem de estado, si a educação pratica do povo não tem o primeiro lugar no seu programma. Pode um homem ser eloquente, conhecer a fundo a historia, a diplomacia, a jurisprudencia, o que lhe basta aliás para pretender a elevada condição de homem de estado; mas si suas palavras, seus projectos, seus esforços não forem por toda a parte constantemente consagrados á educação do povo, elle não é, não pode ser homem de estado americano. »¹

Deve esta tambem ser a preocupação constante, activa e effectiva de quantos pretenderem não só as honras sinão a honra de estadistas brasileiros. Mais talvez que os Estados-Unidos pede e reclama o Brazil, tanto a diffusão e exaltação da instrucção publica como, e maiormente, a organização da educação nacional.

Dous paizes se nos offerecem contempora-

¹ Apud Spuller, *Au Ministère de l'Instruction publique*, Paris, 1888, Préface.

neamente, como exemplo eloquente e memoravel de quanto pode para a regeneração nacional a educação publica, quando servida conscienciosamente e devotadamente não só pelos governos mas por todos os cidadãos. São esses paizes a França e a Italia.

É principalmente dos seus escriptores, dos seus poetas, dos seus publicistas, dos seus oradores, dos seus professores a obra da unificação da Italia. Cavour, como soe acontecer ainda aos mais proeminentes estadistas, não foi sinão um d'esses homens que em dado momento historico consubstanciam em si e representam o trabalho accumulado das gerações e as suas aspirações, que aquelles criaram, educaram e dirigiram.

O *risorgimento*, como a esta phase da sua vida nacional chamam os italianos, é propriamente uma resultante do trabalho giganteo de uma nova educação, não feita sómente nas escolas, porém nas universidades, na imprensa, nos livros e na tribuna. É graças a este movimento,

aquella nação que apenas saía de ser *uma expressão geographica* na dura fraze de Metternich, surge-nos, vinte annos depois, na primeira linha das nações européas.

Vencida e mutilada, diminuida no seu territorio e fundamente ferida no seu orgulho, é para a educação publica que se volve a França. Não é facil dizer concisamente o que se fez em França n'este intento. Á Allemanha, á propria vencedora, foram-se, uns expontaneamente outros em commissões officiaes, professores e pedagogos a estudar n'aquelle fóco scientifico nem só a organização, sinão os methodos, os systemas, o machinismo, a theorica e a pratica do ensino publico. E não foi sómente a Allemanha o veio explorado, mas ainda a Inglaterra, os Estados-Unidos, a Suecia, a Hollanda, a Suissa. Estadistas que mereceram o nobilissimo appellido de *ministros pedagogos* como Julio Ferry, como Spuller, como Julio Simon, trataram as questões da educação publica, e isto diz muito, com a mesma attenção com que outros tratavam os assumptos

da reorganisação militar. Sabios como Paulo Bert, como Carlos Robin, como Miguel Bréal, como Berthelot, como Faye, deixaram os seus gabinetes e laboratorios para virem excitar o prélio sagrado a favor da educação nacional. A litteratura pedagogica até então em França pouco menos de nulla, desenvolveu-se em proporções extraordinarias, e multiplicaram-se a encherem bibliothecas os trabalhos theoreticos e os trabalhos praticos, os trabalhos philosophicos e os trabalhos historicos, sobre as varias feições da sciencia e da arte de educar. Surgiram numerosos os jornaes, as revistas e as associações pedagogicas e, quasi se pode dizer sem exagero, que a reorganisação da educação publica mereceu aos francezes igual sollicitude que a restauração da sua força militar. Em um solenne congresso de professores, dizia um d'esses ministros acima referidos: «Foi então (depois dos desastres da guerra) que a democracia comprehendeu a necessidade de transformar a instrucção primaria, para refazer á França, não direi um espirito novo, mas

um temperamento, costumes, idéas adequadas aos seus novos destinos.»¹

Nós também temos de refazer-nos, não sómente temperamento, idéas e costumes novos, sinão também um espirito novo, o espirito nacional tão enfraquecido em nós. Assim urgente quanto imperiosamente o estão igualmente exigindo os nossos novos destinos.

Aqui, como ali, como por toda a parte, é á educação nacional que compete essa tarefa.

Este livro — que nenhum outro valor tem sinão o da intenção que o inspirou e anima-o, fora a mais bella obra da minha obscura vida, o mais alto e como quer que seja exagerado galardão dos meus desvaliosos mas sinceros esforços, si por ventura pudesse chamar a attenção do nosso publico para esta momentosissima questão da educação nacional.

¹ Spuller, Ministro da Instrucção Publica, in *Rev. Pédagogique*, Tome XI, pag. 485.

Não é seu intuito discutir a nossa instrucção publica, porém mostrar como ella carece de espirito brasileiro, como ella é alheia a qualquer ideal superior de educação, em uma palavra, como ella absolutamente não merece o nome de educação nacional, e, ao mesmo tempo indicar o que deve ser para se tornar um factor na obra augusta da grandeza da patria.

A este escopo primario, prendem-se questões estreitamente connexas para não poderem ser esquecidas na indagação e resolução d'este problema capital de preparar á patria a luminosa estrada do seu futuro.

Precisamos ser physica, moral e intellectualmente fortes, e que a Humanidade conte conosco. Para isso porém, carecemos primeiramente ser brasileiros.

O amor da patria alenta-se do conhecimento do seu passado, e do seu presente, e da fé no seu futuro. «Não ha na historia povo, conceitua um escriptor francez, que não tenha devido o seu renome á magnitude de um idéal por muito

tempo ambicionado e ardentemente buscado.»¹
«Nos Estados-Unidos, ensina-nos Tocqueville, a patria pulsa em toda a parte e desde a ultima aldeia até o conjuncto da União é objecto da mais viva sollicitude. O habitante affeição-se a cada um dos interesses do seu paiz como aos proprios. Desvanecce-se da gloria da nação, julga vêr nos seus successos o seu proprio trabalho e com isso orgulha-se. Tem pela sua patria analogo sentimento ao que vota á familia.»²

N'este Novo-Mundo, o Brazil, certo, tem um primeiro lugar e òs mais insignes destinos. Sejamos brazileiros com todo o ardor dos nossos temperamentos, mas sem os langores e desfallecimentos que o neutralizam. Não copiemos ninguém, mas estudemos tudo e todos, e principalmente estudemo-nos a nós mesmos. Tiremos do conhecimento da patria, os mesmos elementos

¹ Le P. Didon, *Les Allemands*, Paris, 1884, pag. 11.

² Alexis de Tocqueville, *De la Démocratie en Amérique*, 17^{ème} édit. Paris, 1888, Tom. I, pag. 163.

com que lhe havemos de preparar a grandeza. Que superior aos Estados-Unidos pela unidade ethnologica e pela maior accentuação do caracter nacional, ella o venha a ser tambem por juntar ás energias novas da America as delicadezas espirituaes da Europa, consorciando os mais altos dotes de espirito e coração, o sentimento e a intelligencia, com as maximas actividades da nossa coeva civilisação industrial. Que igual aos Estados-Unidos pela força, pela riqueza, por todos os progressos da arte e da industria, lhes sejamos superior pela elevação moral da nossa concepção da vida — realisando na America, sem fazer do successo um criterio de moralidade, o typo ideal das futuras civilisações, que apenas lobrigamos através das generosas illusões da nossa fé no progresso indefinido.

Pará, Março de 1890.



I

A EDUCAÇÃO NACIONAL

nosso systema geral de instrucção publica, não merece de modo algum o nome de educação nacional. É em todos os ramos — primario, secundario e superior — apenas um acervo de materias, amontoadas, ao menos nos dous primeiros, sem nexo ou logica, e estranho completamente a qualquer concepção elevada da patria.

Póde ser um meio — bom ou máo, não é nosso proposito discutir-lhe o valor — de méra instrucção, mas não é de modo algum um meio de educação, e sobre tudo de educação civica e patriotica. Ora, toda a instrucção cujo fim não

fôr a educação e, primando tudo, a educação nacional, perde por esse simples facto toda a effi-
cacia para o progresso, para a civilisação e para
a grandeza de um povo.

Nada absolutamente distingue a instrucção publica brasileira da instrucção publica que se poderia dar em outro paiz, e na escola brasileira o Brazil, quasi póde-se dizer parodiando um dito celebre — brilha pela ausencia. Amontoar materias, não ligadas entre si por nenhuma idéa moral superior, e ensinal-as bem ou mal, não é educar ou, segundo o conceito de Spencer ¹ preparar o homem para a vida completa, como membro da familia, da patria e da humanidade.

Depois de expor o plano da instrucção em uma democracia, Paulo Bert observava: « Nada d'isto tudo é a educação, sinão a materia da educação, e não a educação propriamente dita. O que é agora necessario é que a vida circule no meio de todos estes conhecimentos e que os anime. Sem ella todo este conjuncto de factos

¹ *L'Éducation intellectuelle, morale et physique*, Biblioth. utile, pag. 7.

que carregaram a memoria e sobreexcitaram a intelligencia, poderão formar um negociante sagaz, um habil industrial, talvez um sabio ou um poeta, mas não um homem ou um cidadão. Ora a vida, quem pode dal-a é o ensino civico e moral.»¹

Esta mesma fundamental differença entre a mera instrucção e a educação fazia-a sentir a respeito do Brazil, o Sr. Ramalho Ortigão n'um artigo em que com singular maestria debuxou o *Quadro Social da Revolução Brasileira*:

«Uma casa provida de bons livros, escreve elle, de bons laboratorios, com bons programmas de ensino, bons mestres, bom ar, boa mobilia e boa luz, é, quando muito uma fabrica de sciencia.

«Para que se transforme n'um instituto de educação é preciso que n'elle se imponha á mocidade, por meio da mais rigorosa disciplina o sentimento da solidariedade social, o espirito de esforço e de sacrificio na subordinação ao dever, a regularidade, a exactidão, a firmeza do porte,

¹ *Leçons et Discours*, Paris, pag. 408.

de accordo com a firmeza do character, em todos os actos da vida. Só assim se formam cidadãos, o que é uma coisa differente de formar bachareis.»¹

É esta a causa do grande mal, da profunda diathese que nos mina e arruina — não termos, não havermos jamais pensado em ter educação nacional.

Nas nossas escolas a geographia é uma nomenclatura de nomes europeus principalmente; a geographia patria, quasi impossivel de estudar pela ausencia completa dos elementos indispensaveis, resume-se a uma arida denominação tambem; a historia patria em geral existe apenas nos programmas, e quando excepcionalmente ensinada cifra-se na decoraçãoinintelligente de pessimos compendios tão feitos para despertar os sentimentos patrioticos como si se tratasse da historia do Congo; a cultura civica não existe de modo nenhum, assim como a cultura moral; o livro de leitura, por sua vez, o livro de leitura que é acaso a mola real do ensino, guarda a

¹ *Revista de Portugal*, tom. II, pag. 22.

mesma indifferença patriotica, e as suas paginas são paginas brancas para a geographia e a historia da patria.

São os escriptores estrangeiros que traduzidos, trasladados ou, quando muito, servilmente imitados, fazem a educação da nossa mocidade.

Seja-me permittida uma recordação pessoal. Os meus estudos feitos de 1867 a 1876 foram sempre em livros estrangeiros. Eram portuguezes e absolutamente alheios ao Brazil os primeiros livros que li. O *Manual Encyclopedico* de Monteverde, a *Vida de D. João Castro* de Jacintho Freire (!) os *Luziadas* de Camões, e mais tarde, no Collegio de Pedro II, o primeiro estabelecimento de instrucção secundaria no paiz, as selectas portuguezas de Aulete, os *Ornamentos da Memoria* de Roquette — foram os livros em que recebi a primeira instrucção. E assim foi sem duvida para toda a minha geração.

Acanhadissimas são as melhorias d'esse triste estado de cousas, e ainda hoje a maioria dos livros de leitura si não são estrangeiros pela origem, são-no pelo espirito. Os nossos livros de excerptos é aos autores portuguezes que os vão buscar, e a autores cuja classica e hoje quasi

absoluta linguagem o nosso mal amanhado preparatorio de portuguez mal percebe. São os Fr. Luiz de Souza, os Lucena, os Bernardes, os Fernão Mendes e toda a Arcadia portugueza que lemos nas nossas classes da lingua, que aliás começa a tomar nos programmas o nome de lingua nacional. Pois si pretende-se, ao meu ver erradamente, começar o estudo da lingua pelos classicos, autores brasileiros, tratando coisas brasileiras, não poderiam fornecer relevantes passagens? E Santa Rita Durão, e Caldas, e Basilio da Gama e os poetas da gloriosa escola mineira, e entre os modernos João Lisboa, Gonçalves Dias, Sotero dos Reis, Machado de Assis e Franklin Tavora, e ainda outros, não têm paginas que sem serem classicas resistiriam á critica do mais meticoloso purista?

N'este levantamento geral que é preciso promover a favor da educação nacional, uma das mais necessarias reformas é a do livro de leitura. Cumpre que elle seja brasileiro, não só feito por brasileiro, que não é o mais importante, mas brasileiro pelos assumptos, pelo espirito, pelos autores trasladados, pelos poetas reproduzidos e pelo sentimento nacional que o anime.

Que si elle nos der *lições de coisas*, não nos venha ensinar industrias, occupações e usos que nos são completamente alheios, postergando as manifestações, embora humildes por ora, da nossa pequena actividade industrial. Que em vez de exclusivamente nos ensinarem o que é e como se faz a lã ou o vidro, ou uma casa por processos inteiramente europeus; como nos devemos aquecer, nós que não temos d'isso necessidade, e quaes são os usos e empregos de madeiras e outros materiaes que não possuímos, ¹ nos mostrem o que é, onde e como se cultiva a borra-cha, quaes os seus empregos e qual a hygiene professional do seringueiro; que nos inculquem as noções mais claras, mais exactas e mais novas sobre a cultura do café, do cacáo, da cana ou do algodão, sobre as industrias pecuarias ou as industrias caseiras; como nós poderíamos fazer o queijo e a manteiga ou como se constroe e, principalmente, como se deve construir a casa bra-

¹ Esta critica cabe a quasi todos os livros de *lições de coisas* feitos ou traduzidos no Brazil, com excepção da notabilissima traducção e adaptação do livro de Calkins pelo Sr. Ruy Barbosa, o qual aliás apenas seria prestavel nas classes elementares.

zileira para que ella satisfaça plenamente as exigencias da hygiene, do conforto e das necessidades especiaes do nosso clima.

Que o livro de leitura com paginas de nossos poetas e prosadores, e paginas sobre assumptos brasileiros, nos traslade, originaes ou traduzidas, narrativas dos grandes viajantes que percorreram o nosso paiz, como Martius, como Agassiz, como Couto de Magalhães, como Saint-Hilaire, como Severiano da Fonseca, ou dos que fizeram a nossa historia, os Rocha Pitta, os Southey, os Porto Seguro, os João Lisboa. Os mesmos velhos chronistas, os Vicente de Salvador como os Anchieta e os Nobrega, os Jaboatão, os Vasconcellos ou os José de Moraes, com um pequeno trabalho de lhes modernisar a linguagem, quantas paginas tão perfumadas do sabor da patria antiga que não davam, juntamente com o ensino dos primordios da nossa vida!

Não basta, porém, conhecer a patria no seu solo, nos seus accidentes naturaes, na sua natureza, no seu clima, nas suas producções, na sua actividade e na sua riqueza; não é sufficiente saber-lhe as origens, como se povoou e se desenvolveu, qual o seu contingente á civilisação ou

os seus elementos de progresso, as luctas que teve de sustentar, os triumphos que obteve ou os revezes que soffreu: é necessario mais, é indispensavel em, um paiz livre sobretudo, em uma republica principalmente, conhecer as suas instituições, em si e nas suas origens, saber-lhe as leis com as obrigações que impõem e os deveres que garantem, estudar as leis geraes de moral, de economia e de politica que presidem ás sociedades e estabelecem e dirigem as relações entre os seus membros; aprender a solidariedade nacional na solidariedade escolar, e a noção do dever civico, do dever humanitario e do dever em geral, no dever e na disciplina da escola. O conhecimento d'estes diversos aspectos da patria, não já como *região*, não já como *nação*, sinão como *estado*, como uma sociedade cujos fins, conforme os de todo estado, são o desenvolvimento das faculdades da nação, o aperfeiçoamento da sua vida, ¹ constitue a educação civica.

Bem comprehendida, a educação civica deve

¹ Bluntschli, *Théorie générale de l'État*, trad. Riedmatten, Paris, 1881, pag. 286.

ser a generalisação de toda a instrucção dada na escola para fazel-a servir ao seu fim verdadeiro, que é a educação nacional.

Essa face da educação escapou até hoje á organização do nosso ensino escolar, do qual devera ser como a cupula e remate. E assim o edificio da nossa educação publica ficou sem alicerces — o estudo do paiz — e sem acabamento — a cultura civica.

Reclamando-a para o paiz, em 1882, dizia brilhantemente o Sr. Ruy Barbosa no copioso relatorio com que justificou o projecto de reforma do ensino a commissão cujo era relator: «Obrigatoria hoje na escola americana, na franzeza, na suissa, na belga, na allemã, na italiana, em toda a parte, digamos assim, esta especie de cultura não carece de que a justifiquemos aqui. Tereis instituido realmente a educação popular, si a escola não derramar no seio do povo a substancia das tradições nacionaes? si não communicar ao individuo os principios da organização social que o envolve? si não imprimir no futuro cidadão idéa exacta d'os elementos que concorrem na vida organica do municipio, da provincia, do Estado? si não lhe influir o sentimento

do seu valor e da sua responsabilidade como parcella integrante da entidade nacional?» ¹

É isto que nós não temos e que faz da nossa organização da instrucção publica uma especie de conjuncto amorpho, perfeitamente inutil como factor da civilisação nacional a qual fica assim entregue sómente á acção inconsciente das forças progressivas, dynamicas diria melhor, que as sociedades encerram.

Uma educação para ser nacional precisa que a inspire o sentimento da pátria, e que a dirija um fim patriotico. «A idéa que fazem nos Estados-Unidos da instrucção publica, diz Hippeau, é conforme os principios democraticos aos quaes subordina-se tudo no paiz verdadeiramente mais livre da terra: ella tem por fim formar cidadãos.» ² E Paroz, reconhecido por juiz competentissimo ³ como «um dos escriptores de mais

¹ *Camara dos Deputados.—Reforma do ensino primario e varias instituições complementares da instrucção publica.*—Parecer e Projecto, Rio de Janeiro, 1883, pag. 217.

² Hippeau, *L'Instruction publique aux États-Unis*, Paris, 1878, pag. 3.

³ Ruy Barbosa, *Primeiras Lições de Coisas* por Calkins. Preambulo do traductor, pag. VII.

justa reputação em materia de ensino » fazendo sentir que «é a escola a pedra angular da grande republica,» e expondo os principios que a inspiram e dirigem deixa manifesto que «o conjuncto d'esses principios tem por fim, mantendo a unidade da escola, conservar-lhe um character nacional e democratico, e formar esse espirito publico que caracteriza o cidadão americano.» ¹

Esse espirito que anima e vivifica a instrução e dá-lhe um character nacional, e o qual embalde procuramos na escola primaria, escusado é buscar-o alhures, na secundaria ou na superior.

Entretanto si é na escola, como o centro real da verdadeira educação popular, onde mais deve avultar e revelar-se, em nenhum dos ramos do ensino é superfluo, como não é em qualquer manifestação artistica, litteraria, e até scientifica e industrial de um povo que tem alguma originalidade e sentimento nacional.

Não ha quem ignore a acção poderosissima do ensino superior na obra da unidade allemã.

¹ Jules Paroz, *Histoire universelle de la Pédagogie*, Paris, 1883, pag. 364.

«Foi nas universidades e não alhures, escreve juiz auctorisadissimo, que gerou-se e desenvolveu-se a idéa da unidade allemã; foram as universidades que resuscitando um passado esquecido despertaram com o sentimento patriótico, o ardor bellicoso dos antigos germanos, e atiçaram com uma perseverança sem exemplo o odio contra a França; foi nas universidades que se formaram os homens que dirigiram ou secundaram esse grande movimento nacional, cujos terriveis effeitos experimentamos.»¹

A acção nulla da instrucção publica do Brazil na formação do sentimento nacional, não foi supprida ao menos por outros elementos que indirectamente o despertassem e desenvolvessem. A litteratura — causa e effeito do espirito de um povo, mas no periodo inicial antes effeito que causa — a litteratura, como aliás tem sido assás notado, não procurou nem inspirar-se no espirito popular, nem dirigil-o. O povo tambem, por sua vez, conservou-se-lhe estranho.

Quasi se pudera dizer negativa a acção da

¹ Dreyfus Brisac, *L'Éducation Nouvelle*, Paris, 1882, pag. 219.

patriotismo allemão, abrangendo todas as cousas, animando todas as instituições, enlaçando na unidade todos os filhos da raça germanica.»¹

Não ha talvez povo civilizado, a excepção do nosso, onde os dias da patria não sejam verdadeiramente dias de regosijo publico, de festas nacionaes não só nos calendarios, mas na rua e no coração de todos os cidadãos.

Nos Estados-Unidos — exemplo que é preciso citar, pois são, como nós, um povo de hontem — é immenso e sempre entusiasticamente manifestado o amor das suas tradições, o apreço pelas cousas patrias. O 4 de Julho é ali solemne e universalmente festejado. Ao seu Washington (é certo que são rarissimos os Washington) elevaram um dos mais altos monumentos do mundo, e de sua casa fizeram uma memoria e um museu civico. Os seus homens notaveis são-lhes objecto de culto patriotico, e, com o caracteristico desvanecimento anglo-saxonio, por vezes augmentam e exageram-lhes os merecimentos, o que revê ainda o sentimento nacional.

¹ *Obra citada*, pag. 303.

Não descuremos mais nós também o que é nosso; suscitemos e sustentemos a educação patriótica d'onde sairá o sentimento nacional e com elle o amor e o orgulho da nossa patria, indispensaveis para a fazermos grande, poderosa e invejavel.





II

AS CARACTERISTICAS BRAZILEIRAS

 UMPRE-NOS ter a coragem de afrontar com a nossa situação e de dizer lealmente e completamente a verdade. *Ubi veritas, ibi patria*, ensinou o philosopho. É necessario, pois, esteja a verdade na patria, para que a amemos como deve ser amada — em toda a altivez do nosso amor.

Não é absolutamente exacto o cansado simile da patria e da mãe. Máo filho fôra o que saisse á praça com os vicios e defeitos d'aquella que lhe deu o ser. Essa, quando por angustiosa infelicidade elle não possa mais estimar, tem ainda a obrigação de venerar mesmo erradia,

calando no fundo da sua alma e occultando com ciumento cuidado os seus descaminhos. Tal é o dever infallivel do bom filho.

Máo patriota, desleal cidadão fora, porém, aquelle que sob não sei que falso pejo entendesse menos amar a patria dissimulando-lhe vicios e defeitos, cuja emenda está exigindo divulgados e conhecidos.

Não, a patria quer-se amada ainda com as suas maculas, ou, e direi melhor, com os senões e defeitos de seus filhos e de suas instituições, sob a explicita condição, porém, de que em prol de suas melhorias havemos de empregar todo o nosso amor e com elle todo o nosso esforço. Sei que no Brazil temos acaso abusado d'este amor desligado de falsas conveniencias patrioticas — com tanto mais merecimento á censura que os esforços empenhados na extincção dos vicios accusados, não têm sido em relação nem com o numero, nem com a vehemencia das accusações.

Argúe desamor da patria este zelo de critica não seguido de mais forte e positiva vontade de regeneral-a, regenerando-nos nós em primeiro lugar. As virtudes e vicios de um paiz não são

sinão as virtudes e vícios de seus naturaes. Reconhecel-os no paiz é inculcal-os nos seus filhos.

A patria essa, na sua figura ideal e amada, paira acima dos nossos erros e das nossas paixões — atacar os vícios dos que a constituem ainda é estremecel-a no filial desejo de a ver não só objecto do nosso amor, mas fonte do nosso orgulho.

D'esse singular costume que nos põe a publicar-lhe os defeitos, em vez de melhora-la melhorando-nos a nós mesmos, dirá este livro as causas, e dizendo-as procurará incitar-nos a todos nós brazileiros e principalmente áquelles que tomaram a si a empreza formidavel da nossa administração, a corajosamente removel-as.

Não basta estar, como até agora havemos feito a por a nu, qual o sacrilego filho de Noé, ao que parece apenas pelo prazer do escarneo, as vergonhas do paiz; cumpre mais que tudo remedial-as, e abandonando as declamações tão de nosso gosto, pormo-nos franca e singellamente a servil-a, com a consciencia de um dever individual religiosa, humilde, mas devotada e correctamente cumprido.

O brazileiro, radicalmente politico, no peor

sentido d'esta palavra, teve o seu julgamento, e com elle o seu character pervertido, pela educação que lhe deram os partidos a que infallivelmente pertencia e a cuja indole — pois doutrinas e comportamento nunca tiveram distinctos — subordinava todos os pensamentos e acções da sua vida social. Esta educação partidaria foi a unica especie de educação civica que tivemos.

Desde a Independencia e consequente genese dos partidos politicos não conheceu a sociedade brasileira outra vida que não a vida politica. Nunca tivemos vida commercial porque o commercio esteve sempre e está ainda hoje em mãos estrangeiras; nunca tivemos vida industrial porque não temos industria; nunca tivemos sequer vida agricola porque a agricultura eram os escravos que a faziam; nunca tivemos vida militar porque nem o exigiram as circumstancias especiaes do paiz, nem o consentio a profunda aversão do nosso povo pelo militarismo, e, finalmente nunca tivemos vida intellectual porque nunca tivemos movimento scientifico, movimento litterario ou movimento artistico, e esses a um tempo factores e resultantes da civilisação, a Sciencia, a Arte, a Litteratura foram apenas apanagio de

uma limitada minoria antes afastada que intrometida no movimento geral da nação, e jamais influenciaram a massa popular.

Balda assim de estímulos de actividade e energia, determinados em qualquer sentido pela Industria, pela Sciencia ou pela Arte, mas em definitiva em proveito da patria, a sociedade brasileira limitou a sua exclusiva actividade á politica ou, e preferivel é a expressão, ao partidatismo.

Não é no Rio de Janeiro, cidade cosmopolita e artificial, que devemos estudar o Brazil, mas na provincia, no interior. É esse que é o Brazil, ou sejam quatorze milhões de habitantes contra os 500 mil da capital.

Nada mais miseravel, mais triste, mais sem attractivos a não serem os da natureza, do que as povoações do nosso interior, condecoradas algumas, verdadeiras aldêas, com o pomposo titulo de cidades. Para todos os effeitos da vida dir-se-iam cidades mortas. Ha porém em todas ellas, ainda na mais humilde aldêa dos sertões do Pará ou de Pernambuco, da Bahia ou de S. Paulo, do Paraná ou de Matto Grosso, dous partidos, dous chefes, alguns cabos eleitoraes, os

adeptos indispensaveis e, ao menos em vespervas de eleição, uma vida relativa. Não acharieis ali algum genero indispensavel á vossa vida de perfeito civilisado, mas infallivelmente, mathematicamente encontrarieis o liberal e o conservador, inimigos politicos e particulares decididos e irreconciliaveis. Nenhum d'elles saberia por que era antes liberal que conservador e vice-versa, nem mesmo sobre os negocios locaes dar-vos uma opinião, sinão justa e sensata, ao menos propria e chã, não inspirada pelo seu partido e n'elle corrente; ambos, porém, lá teriam os seus preconceitos, as suas idéas feitas, os seus juizos asentados, as suas paixões ás vezes violentissimas, o seu fanatismo partidario, e, característica dominante, a ingenua crença na innerrancia do seu partido, com a fé profunda na indefectivel fallibilidade do outro.

Pois bem, desde esta aldêa perdida lá na margem de um recondito affluente do Paraguay ou do Paraná, do S. Francisco ou do Amazonas, ou debruçada n'alguma pittoresca encosta dos Cariris, da Borborema, ou da Mantiqueira, até as capitaes mais adiantadas, a intuição politica é a mesma, absolutamente a mesma.

Imagine-se d'ahi a viciação dos juizos e finalmente do character que se não exercendo em nenhuma outra especie de lucta sinão na chicana, na intriga, no mexerico politico — e fazendo da politica não um meio mas um fim — primeiro amollece, depois dilue-se, esvae-se, some-se, quando se não perverte e estraga.

É este o grande mal que corroe o corpo social brasileiro e envergonha a patria, verdade que precisamos dizer e aceitar si nos queremos sinceramente corrigir: não é principalmente a actividade physica, é antes a energia moral que nos falta e que torna negativas as boas qualidades que temos.

Somos, por exemplo um povo honesto. Simples, sincero, modesto de gostos e de maneiras, desambicioso, conversavel, indolente e generoso, o brasileiro conserva-se em geral estranho ás desmarcadas ambições que vemos em outros povos, como a certos vicios que as qualidades contrarias entre elles desenvolvem. Os nossos estadistas, nada obstante as calumniosas accusações que os partidos contrarios systematicamente faziam sem outro intuito que ataca-os para irem por sua vez ser por elles injuriados, os nossos

estadistas, cujo modestissimo trem de casa podia competir com o dos fundadores da republica americana, deixaram sempre o poder as mais das vezes mais pobres do que para lá foram. Quando foi pelo Governo provisorio da Republica dissolvido o Senado, uma folha do Rio de Janeiro deu algumas informações sobre os recursos que tinham ou os meios de vida que iam tentar alguns d'esses homens envelhecidos no manejo dos negocios publicos, homens que foram deputados, que foram senadores, que foram ministros, e que agora para viver tinham de recommear uma profissão ou limitar-se a escassos meios. O Visconde do Rio Branco, ministro plenipotenciario, ministro da fazenda, presidente do Conselho de ministros, deputado, senador, conselheiro de estado, morreu menos que pobre, sendo a sua familia immediatamente obrigada a vender-lhe os modestos moveis e a livraria, e seus amigos a fazer uma subscripção para ajudal-a a manter-se. O Visconde de Itaborahy, o Conselheiro Francisco José Furtado, o Conselheiro Buarque de Macedo, e muitos outros morreram na extrema pobreza, e o contrario d'isso é entre nós extraordinaria excepção.

Entretanto o Brazil tem estado longe de ser bem governado. Esses homens honestos fizeram sempre uma politica cuja immoralidade só é talvez ultrapassada pela dos Estados-Unidos; e isto por essa falha de character, essa falta de energia, de decisão, de iniciativa, de combatividade direi, que faz com que o homem que á honestidade reúne o character, não se contenta só em ser elle honesto mas obriga a sel-o tudo e todos que d'elle dependem.

A proverbial desorganisação e relaxamento da nossa administração publica, ao mesmo defeito e não á corrupção moral deve ser principalmente attribuida. Si a nossa desprotegida magistratura que os poderes publicos pela exiguidade dos vencimentos que lhe paga collocou entre a dependencia e a miseria, levanta geraes queixas no paiz, taes queixas rarissimo tomam a fórmula de accusação de peculato, e vêm immediatamente desculpadas com reparos caracteristicos a indicarem tibiezas de character, deixando-se influir por considerações alheias ao lucro sordido. E d'esta sorte vão, apezar da nossa vulgar honestidade, todos os nossos serviços.

Uma das causas da liberdade ter no Brazil

quasi degenerado em licença, sendo o governo quem mais d'ella abusava, foi esse defeito do character nacional que tornou possível com o desleixo e o desmazelo todas as condescendencias. A nossa indulgencia tão peculiar por certos factos criminosos e actos condemnaveis, de que os nossos tribunaes do Jury e outros tantos exemplos nos offerecem, não é, como acaso se poderia suppor, fructo de uma perversão da moral, sinão da debilidade e extrema bonhomia do nosso character. No Brazil as associações que por sua natureza ou regra deviam escrupulisar na admissão dos associados; não têm melhor pessoal que as abertas a todo o mundo, porque os associados accitam infallivelmente todas as propostas ou por nimia e complacente bondade, ou por se não comprometterem, não crearem um desaffecto, ou outra desculpa em que se revê a fragilidade do animo.

Nacionaes e estrangeiros que tem-se occupado da demopsychologia brazileira estão todos de accordo em reconhecer como a dominante de nosso character a indifferença, o desanimo, a passividade, em summa.

« Não se póde talvez dizer, escreve o illustre

autor da *Historia da Litteratura Brasileira*, que o brasileiro tomado individualmente, seja descuidoso de si proprio; considerado porém em geral, como typo sociologico, o povo brasileiro é apathico, sem iniciativa, desanimado. Parece-me ser este um dos primeiros factos a consignar em a nossa psychologia nacional. É assignalavel a propensão que temos para esperar, nas relações internas, a iniciativa do poder, e, no que é referente á vida intellectual, para imitar desordenadamente tudo quanto é estrangeiro, *scilicet*, francez. A nação brasileira não tem em rigor uma fôrma propria, uma individualidade característica, nem politica, nem intellectual.»¹

Ha cinco annos dizia de nós um geographo allemão: « A peor feição do character brasileiro é a negação ao trabalho regular; pois isto é que concorre para a terra se desenvolver tão demoradamente, e para o nacional a todo esforço de adiantar que lhe perturba o *dolce far niente* responder com o estereotypado: Paciencia. Nem uma palavra se emprega talvez mais no Brazil

¹ Sylvio Roméro, *Historia da Litteratura Brasileira*, Rio de Janeiro, 1888, pag. 124-125.

do que essa.»¹ E tratando da religião no Brazil argúe claramente a nossa indiferença.

Herndon, official da marinha americana que por ordem do seu governo fez com Gibbon em 1850 uma exploração no valle do Amazonas, tratando do povo do Pará, depois de assentar a sua desambição, o seu amor de nada fazer e a sua satisfação em apenas gosar sem trabalho os fructos espontaneos da terra, indifferente a toda concurrencia e contente desde que tem chá ou café, cigarros e a rede, e notar que no Pará os crimes são muito raros observa, não sem graça: «Provavelmente o povo é demasiado indolente para ser máo.»²

Estudando com admiravel perspicacia e discernimento as cousas politicas do Brazil, em um artigo prophético, publicado na *Revista de Portugal*, o aprimorado escriptor brasileiro, Sr. Eduardo Prado, nota como o nosso povo tem-se conservado estranho aos nossos mais notaveis acontecimentos, e apropositadamente reflecte: «Esta

¹ A. W. Sellin, *Geographia geral do Brazil*, trad. por Capistrano de Abreu, Rio, 1889, pag. 104.

² Herndon and Gibbon, *Exploration of the Valley of the Amazon*, Washington, 1853, I, pag. 344.

inacção, esta não interferencia do povo verdadeiro, das grandes camadas da população brasileira nos acontecimentos publicos, é sempre observada. Um pintor brasileiro, Pedro Americo, no seu grande quadro *A Proclamação da Independencia do Brazil*, retracou o facto com toda a verdade e toda a philosophia. Vê-se n'essa pintura o Principe Regente, a cavallo, de espada desembainhada, cercado da sua guarda de honra, dos gentis homens da sua camara, de varios capitães-móres e de officiaes de ordenanças. Os couraceiros, os officiaes, os da corte brandem as espadas ou agitam os chapéos, e no quadro ha a vida admiravel d'aquelle momento historico. A um canto, um homem de cor guiando um carro, arreda os seus bois da estrada e olha admirado para o grupo militar; ao longe, destacando-se no fundo illuminado de uma tarde que cae sobre a paizagem melancolica, um homem do campo, um *caipira* retém o passo á cavalgada e voltando tranquillamente o rosto vê, de longe, a scena que não comprehende. Esses dous homens são o povo brasileiro, o povo real. . . » ¹

¹ *Destinos Politicos do Brazil in Rev. de Port.*, vol. I, pag. 470.

De tres ordens de factos derivam estas características brazileiras: a ethnogenia, isto é, as origens ethnographicas e historicas; a geographia, ou a acção da terra sobre o homem; a educação, isto é, a influencia da sociedade sobre o cidadão.

Somos o producto de tres raças perfeitamente distinctas. Duas selvagens e portanto descuidosas e indifferentes como soem ser n'esse estadio da vida, e uma em rapido declinio depois de uma gloriosa, brilhante e fugaz illustração. Quando iniciou a colonisação do Brazil, começava a gente portugueza a experimentar os symptomas da perversão moral que fez logo resvalar os heroicos batalhadores da Peninsula e d'África, os ousados navegadores do mar tenebroso, os mestres de Colombo, nos cupidos tratantes da India. Martim Affonso de Souza, o grande explorador da costa brazileira, o fundador de S. Vicente e o mais bem aquinhoado dos donatarios das primitivas capitancias, foi ao depois nas conquistas da Asia um dos mais infamados concussionarios.

Amollecido na rapina da India, como os hespanhoes na do Perú e do Mexico, imbecilizado

nos faceis prazeres das terras conquistadas; de um lado enfreado pelo temor da Inquisição e de outro enervado pela educação jesuitica, o povo portuguez decaía visivelmente na época da colonisação, para a qual, é de notar, ainda cooperou com os seus peiores elementos.

Da nossa vida politica no periodo da formação da nacionalidade, pertinentemente escreve patriótico escriptor: « O povo não tinha vida autonómica, nem tinha iniciativa; a justiça lhe era ministrada como um favor do monarcha. As sesmarias territoriaes eram concedidas aos portuguezes, que tambem monopolisavam o commercio. Na ordem puramente intellectual, a educação era jesuitica; desenvolvia-se a memoria com prejuizo do raciocinio. A escravidão no seio das familias veio consolidar este complicado systema de abatimento, de alheação da vida independente. Desde o principio, toda a população dividio-se em duas grandes classes: senhores e escravos. Aquelles eram portuguezes, ou seus descendentes; os outros — os negros e os indios! Os mestiços d'estas duas classes, quando livres, eram tratados com rigor, porque se tinha certeza de encontrar sua origem nas senzalas... As déca-

das foram passando; e o tempo foi robustecendo esta obra da injustiça e da extorsão. D'ahi saio o imperio do Brazil, paiz de senhores, de grandes, de magnatas; mas terra sem povo, no alto sentido da palavra! E como Portugal foi sempre uma feitoria ingleza, nas relações exteriores nós o somos tambem, e nas internas governa-nos ainda o reino com todos os seus abusos, com todos os seus prejuizos. A nossa independencia, sendo um facto historico de alcance quasi nullo, não tendo aqui havido uma revolução que afo-gasse os velhos preconceitos, não abrio-nos uma phase de autonomia e liberalismo.» ¹

Agassiz, nas suas sensatas e ainda agora aproveitaveis impressões geraes do Brazil, nota com razão que a administração das nossas provincias era, como entre os romanos, organizada principalmente no intuito de reforçar a auctoridade. ² Podera accrescentar que ella concorreu muito por esse facto não só para o lento desenvolvimento dos recursos materiaes do paiz, como

¹ Sylvio Romero, *Obra citada*, pag. 119.

² Agassiz (Mr. et M.^{me}), *Voyage au Bresil*, trad. F. Vogeli, Paris, 1869, pag. 495.

elle aliás reconhece, mas para lisongear a nossa natural imprevidencia e falta de iniciativa.

As condições geographicas do Brazil, assás concorreram para a accentuação e desenvolvimento d'essas características. Invejavelmente fértil, sinão prodigiosamente uberrima, a nossa terra é principalmente rica de productos naturaes, de facil cultivo e recolta, dispensando assim esforços e trabalho. Este pouco mesmo, ahi estava o escravo para fazel-o, livrando quasi totalmente a população civil da obrigação de trabalhar. As condições climatericas, por seu lado, annullando a necessidade de agasalhos e tornando mais supportaveis as exigencias physiologicas da vida pela menor actividade das combustões, auxiliou o pendor á indolencia que ellas mesmo, principalmente do Rio de Janeiro para o norte, creavam, debilitando forças e enervando esforços, que a escravidão estava prompta para dispensar de exercerem-se.

A educação desde o principio foi a da indolencia e de um fatuo menospreso do trabalho. A primitiva sociedade composta de mãos elementos, quasi não podendo constituir familia sinão pelo concubinato, occupando-se exclusiva-

mente de interesses materiaes e de momento, certo, carecia de requisitos para se occupar da educação das gerações que iam nascendo. Essa sociedade achou-se logo com um elemento terrivelmente deleterio em seu seio, a escravidão.

Não é possível exaggerar os males que nos trouxe a escravidão. Durante trezentos annos refastelamo-nos no trabalho, primeiro do indio depois do negro. Queiram os destinos do Brazil que não nos seja preciso tanto tempo para livrarmos-nos de uma vez do funestissimo veneno da maldita instituição, que pela indefectivel lei da justiça na historia, que quer todo o erro traga em si o seu castigo, ainda hoje nos pésa e avexa! Não somente abolindo como degradando o trabalho, a escravidão consumou em nós a morte de todas as energias, já enfraquecidas pelo clima e viciadas pela hereditariedade.

Extincta a escravidão india, o africano alegre, descuidoso, affectivo, metteu-se com a sua moralidade primitiva de selvagem, seus rancores de perseguido, suas idéas e crenças fetichistas, na familia, na sociedade, no lar. Invadio tudo e immiscuio-se em tudo. Embalou a rede da *sinhá*,

foi o pagem do *sinhô-moço*, o escudeiro do *sinhô*. Ama, amamentou todas as gerações brasileiras; mucama, a todas acalentou; homem, para todas trabalhou; mulher, a todas entregou-se.

Não havia casa onde não existisse um ou mais moleques, um ou mais corumins, victimas consagradas aos caprichos do *nhônhô*. Eram-lhe o cavallo, o leva-pancadas, os amigos, os companheiros, os criados.

As meninas, as moças, as senhoras tinham para os mesmos misteres, as mucamas, em geral creoulas e mulatas.

Nunca se frizou bastante a depravada influencia d'este caracteristico typo brasileiro, a *mulata*, no amollecimento do nosso character. «Esse fermento de aphrodisismo patrio,» como lhe chama o Sr. Sylvio Roméro, foi um dissolvente da nossa virilidade physica e moral. A poesia popular brasileira nol-a mostra, com insistente preocupação apaixonada, em toda a força dos seus attractivos e da sua influencia. O povo amoroso se não fatiga em celebrar-lhe, n'uma nota lubrica, os encantos, que elle esmiuça, n'uma sofreguidão de desejos ardentes. Canta-lhe a volupia, a magia, a luxuria, os feitiços, a faceirice, os

dengues, os quindins como elle diz na sua linguagem, piegas, desejosa e sensual. Decididamente ella atormenta a sua inspiração, e os poetas, Gregorio de Mattos á frente, fazem d'ella com mais franqueza e mais sensualidade no desejo, a Marcia ou a Nize de seus cantos.

Na familia é a confidente da *sinhá-moça* e a amante do *nhônhô*. Graças principalmente a ella, aos quatorze annos o amor physico não tem segredos para o brasileiro, iniciado desde idade mais tenra na athmosphera excitante que lhe fazem em torno, dando-lhe o banho, vestindo-o, deitando-o.

Molle pelo clima, molle pela raça, molle por esta precocidade das funcções genesicas, molle pela falta de todo trabalho, de qualquer actividade, o sangue pobre, o character nullo ou irritação e por isso mesmo inconsequente, os sentimentos deflorados e pervertidos, amimado, indisciplinado, mal criado em todo o rigor da palavra — eis como de regra começa o jovem brasileiro a vida.

Que livro soberbo ha a fazer sobre a educação d'esse rapaz desde o berço até ministro de estado, por exemplo! Qual será o fino psycho-

logo e elegante estylista, mas de um espirito bem brasileiro que, sem as exagerações e idéas preconcebidas de certa escola, nos dê esse quadro verdadeiramente nosso, que, como tantos outros, falta, devido á nossa fatal tendencia de imitação estrangeira, á litteratura nacional! Quem nos mostrára a acção constante e poderosa e invencível na nossa vida social do *empenho* a inutilisar todos os esforços, a nullificar todas as actividades, a entibiar todas as boas vontades, descoroadas pela certeza de uma concurrencia insuperavel! E nos pintára a falta de energia para o trabalho, o amor da vida facil, a imbecillidade physica e moral forrando-se á lucta pelo rebaixamento de todas as justas altivezas, mendigando protecções, accitando tutellas, assoalhando baixezas! Fazendo os preparatorios por empenhos, fazendo os annos academicos por empenhos, formando-se por empenhos e por empenhos de toda a casta e de toda a gente, traidos os principios proclamados, desertado o dever, despresados os escrupulos, mettendo-se aqui, apparecendo acolá, até surgir-nos nas cumieiras sociaes ou, vencido por outro de melhores empenhos desaparecer, sumir-se n'um cargo miseravel ou pingue, con-

forme sorrio-lhe ou não a deusa que favorece os audazes! Mas, continuemos. . .

Educação publica, que realmente este nome mereça, já o disse, não ha no paiz. Ha instrucção publica que é cousa differente. As tendencias herdadas e adquiridas dos diversos elementos que vou analysando, não encontram estorvo e impecilho em qualquer especie de cultura que procurasse systematicamente reagir contra ellas.

A vida publica de preferencia as estimula e lisongêa. A politica é hoje por toda a parte mais ou menos a mesma cousa, « a mãe das frases ôcas, da declamação, das idéas lobregas, do máo estylo e das paixões injustas », ¹ um fim e não um meio. No Brazil, porém, sendo tudo isso, não tem ao menos a vantagem de ser uma excitadora da opinião, um estimulante ás energias sociaes.

Os *meetings*, os comicios, os discursos, as orações que fóra d'aqui congregam os cidadãos de todas as opiniões em torno de um orador, nos parecem a nós aquem de um homem de alto valor politico e são meios apenas a medo e raro

¹ Jules Lemaitre, in *Rev. Polit. et Lit.*, 1885, pag. 610.

tentados por estreantes. Aqui a politica faz-se em curriculos, em conventilhos, em parcerias. O povo, a grande massa dos cidadãos, limita-se a votar, sem discutir nem ouvir discutir.

A esta viciosa educação politica acresce a escacez do eleitorado que até dous annos era apenas de pouco mais de 200 mil eleitores, em uma população de cerca de 15 milhões de habitantes.

O que esperar de nós, pois, sinão a indifferença — por aquillo a que somos quasi todos forçados a ser indifferentes?

Dous aspectos principaes notava eu por occasião da proclamação da Republica ¹ — e tristemente caracteristicos, resaltam da attitude do nosso povo em face do movimento d'onde saíu a Republica: a sua profunda indifferença, tão dolorosa aos espiritos preocupados do futuro da patria, e a falta absoluta de fé nos principios e de fixidez nas crenças, ainda na vespera apregoadas e mantidas.

« Si d'essa carencia de virilidade moral, que

¹ Esse trabalho ficou inedito. Dá-se esta parte por ser uma impressão de momento.

aquelles factos traduzem, foi a monarchia a fautora ou a causa, recebeu ella o justo castigo do seu erro, pois que, aqui no Pará ao menos : caio no meio da mais glacial, da mais profunda, da mais completa indifferença,

«A sinceridade, porém, obriga a reconhecer que á proclamação do novo governo, exceptuando os seus autores, os membros do Club Republicano, os militares e alguns adventicios promptos a festejarem todos os successos, acompanhou a mesma indifferença.»

Á falta de educação publica e de educação politica que acaso poderiam ter modificado a indole dos antepassados herdada e, por condições geographicas, sociologicas e mesologicas desenvolvidas, ha que juntar a ausencia de estímulos exteriores, como fossem por um lado as guerras ou a concurrencia estrangeira ás industrias e commercio nacionaes, de outro as manifestações collectivas com que os povos que tem

³ Por toda a parte, dizem noticias insuspeitas, foi o mesmo. É conhecida a carta do Sr. Aristides Lobo, primeiro ministro do interior da Republica, dizendo a mesma cousa do povo do Rio de Janeiro, que, conforme a sua frase, assistio *bestijado* aos acontecimentos.

o culto das tradições, da patria ou de certos habitos e costumes se aggreem e reúnem em festas, em jogos, em solemnisações de grandes dias e grandes feitos.

«Causou-nos sempre — já notava eu, perdoem-me lebral-o, ha dez annos ¹ — e causou-nos ainda profunda impressão, o character frio, sem enthusiasmo, sem vida, das nossas festas tão em contradicção com a nossa esplendida natureza... Os grandes dias nacionaes, passam-nos despercebidos, quasi esquecidos. Que sentimento desperta a data da nossa independencia, essa data tão festejada por todos os povos? Nenhum, o povo vê-a passar todos os annos, com um indifferentismo glacial. Será por convicções politicas? Os outros dias nacionaes, 25 de Março, o juramento da Constituição; 7 de Abril, uma bella pagina da nossa historia, a expulsão de Pedro I, nem são lembrados sinão por algum jornalista obrigado pela sua profissão a uma noticiinha, ou pelo mundo official. Acaso este povo nega o seu apoio moral á lei fundamental do imperio,

¹ *Liberal do Pará*, 12 de Janeiro de 1879.

ou pensa que o que fizeram os homens de 1830 foi um erro politico? Duvidamos.

«Mas então porque os grandes dias da patria que despertam lá fóra o enthusiasmo mais ruidoso nas grandes festas populares com que se solemnizam esses dias, aqui conseguem apenas accender algumas pallidas e tremulas luminarias em cuja luz vacillante parece retratar-se a tibieza das crenças d'aquelles que as accendem?»

As unicas festas que reúnem periodicamente o nosso povo, e onde elle se encontra unido pela solidariedade da mesma crença e das mesmas tradições, são as religiosas, ou antes, de igreja, essas deprimentes pela extrema licenciosidade que n'ellas reina, e de nenhum modo capazes de accordar no povo um écco siquer do sentimento nacional. Assim as do *Bomfim* na Bahia, da *Penha* no Rio, do *Rozario* no Maranhão, de *Nazareth* aqui. ¹

Taes são, mal ditas, mas sinceramente e de boa fé expostas, a nossa situação moral e as prin-

¹ Veja-se o interessante livro do Sr. Mello Moraes Filho, *Festas populares do Brazil*, Rio de Janeiro, 1888. Pena é que esquecesse a nossa de *Nazareth*, talvez a mais caracteristica do Brazil.

cipaes e, para o objecto d'este livro essenciaes, feições do character nacional. Não ha ahi esmiuçar novidades, e muito menos escandalo. O imperfeito esboço foi arranjado com côres, tintas e linhas conhecidas, vulgarissimas e triviaes. Offerecem-se á apreciação de cada um, que o não queira fazer do natural, nos trabalhos dos viajantes desde Saint-Hilaire e Martius até Agassiz ou Burton e em todos os escriptores brazileiros, que não vivendo exclusivamente dos defeitos da nação não tiveram jamais a peito lisongear-os ou escondel-os. Nem hostilidade contra nós, nem falta de patriotismo, reçumam das apreciações de uns e de outros. «Consiste por ventura o patriotismo, perguntarei como um valente e terso escriptor brazileiro, em negar impudentemente uma verdade conhecida por tal, ou antes confessar nobremente o mal, e da grandeza d'elle tirar motivo e occasião para reclamar a emenda e reforma a grandes brados? ¹ » Não ha negar os fructos colhidos d'essa propicia franqueza de uns e de outros. Alguma cousa, infelizmente pouca

¹ João Francisco Lisboa, *Obras*, Maranhão, 1864, tom. I, pag. 428.

ainda, havemos feito por melhorar. Não é deslembrando o diagnostico, que se podem aproveitar os recursos da medicina. Dizer-nos a nós mesmos os nossos defeitos e vícios, é já um passo para corrigil-os. O exame de consciencia, independente da confissão, é para os individuos e para os povos, um salutar recurso moral. Feito esse, cumpre, para não ser inutil e vão, procurar na pratica das virtudes contrarias aos peccados reconhecidos, a regeneração, não pelas palavras, sinão pelos actos.





III

A EDUCAÇÃO DO CARACTER

A educação não é de certo, como inculcaram apostolos demasiado convictos uma panacéa, mas é sem contestação poderosissimo modificador. Tristemente, mas triumphantemente, as estatisticas demonstraram a falsidade da asserção que começava a adquirir foros de axioma, que abrir escolas era fechar prisões. Mas, discutindo o valor dos methodos e systemas, nenhum pensador ha que sem paradoxo discuta e deprecie a proficuidade da instrucção e a acção modificadora da educação.

Como a intelligencia, como a sensibilidade, como o proprio corpo, o character póde educar-se

e de facto educa-se, isto é, toma na mesma vida commum esta ou aquella direcção, estas ou aquellas tendencias, segundo as diversas influencias que sobre elle actuem.

Dada a passividade do character brasileiro feito de indolencia, de indecisão, de indifferença, de inactividade, é dever não do governo — que é preciso refugemos de nós esta preocupação do governo, não da administração — que não é sinão nossa delegada, mas de todo brasileiro, pela sua acção domestica e pela sua acção civil, promover com a tenacidade de uma convicção profunda a educação do character nacional.

Sendo o character o conjuncto das qualidades moraes, a educação do character não é sinão o desenvolvimento do que na pedagogia pratica chamamos cultura moral, ou si quizerem, não é sinão a generalisação d'essa fórma da educação escolar.

A educação do character, entretanto, é principalmente fóra da escola de que se faz. Concorrem para ella não só a educação moral ali recebida em fórma de preceitos, de regras, de exemplos, de conselhos, de commentarios moraes de factos da vida escolar ou da mesma historia,

como a educação physica, que enrija o corpo e solidifica a saude, garantindo o moral de enervamentos, debilidades e nervosismos; a educação domestica, por ventura o mais poderoso agente de cultura moral e, finalmente, o meio, isto é, o complexo de forças physicas e moraes que sobre nós agem: a sociedade, a leitura, as festas, a religião, a arte, a litteratura, a sciencia, o trabalho.

Si é verdadeira a doutrina materialista que aos trinta annos, soldando-se as suturas craneanas o cerebro, adquirindo sua fôrma definitiva, torna impossivel as variações do character, a educação d'este pôde-se fazer até aquella idade e em outro meio que não o meio escolar.

Essa educação, claro está, deve começar, si não desde o berço, conforme quereriam alguns, ao menos desde os tres annos, na familia. Nenhum meio mais proprio e mais conveniente do que esse para encetar a educação do character da criança, e lançar na sua alma os germens que hão de desenvolver-se mais tarde no adolescente e no homem.

A constituição da familia brazileira, profundamente viciada pela escravidão, resente-se ainda de graves senões, entre os quaes o mais saliente

é a ausencia da acção feminina. Os antigos hábitos portuguezes de proscrever a mulher não só da sala mas de todas as relações sociaes e domesticas, adoptamol-os peiorando-os. Banida da sala, como com tanta insistencia notou o observador Saint-Hilaire, ¹ a brazileira, afastada de quaesquer convivencias educadoras de sociedade e não podendo por outro lado viver sem relações, procurou-as na funesta intimidade dos famulos. É incalculavel a influencia que as mucamas tiveram na familia brazileira, como foi profundissima a sua acção deleteria. É este isolamento da brazileira não era apenas, por assim dizer, material, sinão moral, pois criada n'um bruto respeito do marido, não tinham suas relações character algum de intimo e igual convivio.

Não ha ainda muitos annos em toda a extensão do Brazil interior ella não vinha á mesa, e não sei si hoje se não encontrariam lugares onde perdure esse costume. Facto caracteristico, a esposa brazileira tratava em geral o marido por

¹ Saint-Hilaire, *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*, Paris, 1830, I, pag. 152, 210 e *passim*.

senhor, e tutearem-se dous casados seria, até bem pouco tempo, rarissimo.

Junte-se a estes habitos herdados de Portugal e aqui, repito, peiorados pela sociedade que a mulher encontrava fóra das salas em que a não deixavam entrar, a influencia directa e indirecta de duas raças selvagens nas quaes, segundo a lei geral ethnologica, a mulher tem sempre um papel menos que secundario ¹ e ter-se-á claramente explicada a posição da mulher brazileira.

Ora, na familia, a acção da mulher é maior que a do homem, não só por essa athmosphera de amenidade e delicadeza que esta cria ao redor de si, como pela sua muito maior permanencia no lar e portanto mais constante e duradoura influencia. Este facto só da posição da mulher na familia brazileira, já deixa ver quão deficiente sinão dissolvente foi entre nós a educação domestica como educação do character.

A mãe brazileira, como acha-se notado em todos os nossos romancistas, é fraca. O seu amor maternal, sem energia como todos os seus senti-

¹ Ch. Letourneau, *La Sociologie d'après l'ethnographie*, Paris, 1880, cap. X.

mentos, é indiscreto e revela-se sobretudo pelo mimo, por um excessivo carinho e uma hystérica apprehensão que apenas consente ao filho arredar-se de suas saias ou do cóllo de uma ama. No Brazil não é raro ver uma criança de tres e e quatro annos ainda ao cóllo. Falar a uma mãe brasileira em fazer seu filho acordar cedo, metter-se n'um banho frio, correr, andar, saltar, não comer goloseimas a toda a hora, é arranjar-se uma desaffeição.

A educação moral reduz-se a desenvolver e fortificar o altruismo e modificar e diminuir o egoismo.

A educação do character, pois, que é a mais elevada forma da educação moral, deve começar pela educação das primeiras manifestações do altruismo na criança. Cumpre desenvolver e educar n'ellas a affeição, a necessidade de caricias, a compaixão pelo soffrimento, a liberalidade, a sympathia, em summa, aquillo que um auctor chama as emoções sociaes. ¹

Até agora o facto já notado de haver em

¹ B. Perez, *L'Éducation dès le Berceau*, Paris, 1880.

cada familia um moleque ou moleques que eram os companheiros de brinquedo dos *sinhôsinhos* e as victimas de suas maldades, especies de *leva-pancadas*, sobre os quaes elles derivavam as suas coleras infantis, viciava sobremaneira logo esses instinctos, pela concurrencia da má educação e dos máos habitos que teria o moleque, como pelos instinctos máos, depravados mesmo, que criava na criança o prazer innato n'ella de bater alguém ou alguma cousa. A sensibilidade, se lhe embotava logo, não somente a sensibilidade objectiva, isto é, a que faz sentir pelos outros, mas a sensibilidade subjectiva, a que nos faz sentir-nos nós mesmos. O moleque desvergonhado que apanhava, ria, chorava e entre lagrimas ás vezes era obrigado a continuar o brinquedo, certo não dava á criança uma idéa elevada do brio e da dignidade, e como na criança a imitação tem uma grande influencia sobre o desenvolvimento das suas faculdades moraes, do seu caracter, ¹ os resultados d'essa convivencia funesta era assemelhado ao moleque.

¹ Alexandre Martin, *L'Éducation du caractère*, Paris, 1887, pag. 88.

O habito de mandar, desde a tenra infancia, por sua vez, bem longe de fortificar o caracter o deprime, não só porque perverte a noção da auctoridade que faz arbitraria e apenas no privilegio fundada, como porque deshabetua a actividade propria e fia tudo da energia alheia.

O mais arduo problema e o mais delicado na educação do caracter é, acaso, o da educação da vontade. Entre nós, nenhum mais momentoso — porque, como ficou dito e indicado, a indecisão, a falta de iniciativa, a inconsequencia na acção, são das mais frisantes características brasileiras.

A difficuldade grande da educação da vontade está em achar o justo limite entre a vontade energia necessaria e util, e a vontade energia desordenada e prejudicial. Ha paes e educadores que entendem que bem educar é em tudo contrariar a criança, quebrando-lhe a vontade e fazendo-a teimosa; outros pensam que devem, para avigoral-a, consentir em tudo e satisfazel-a sempre. Erradissimas são ambas as maneiras de conceber a educação da vontade.

Entre nós, é preciso lisamente reconhecer, a educação domestica é defeituosissima. É exces-

sivamente frouxa, apesar do abuso dos castigos corporaes, frouxidão que é ainda resultado do nosso character indifferente e lasso. Educar bem uma criança é difficilima tarefa. É um trabalho de todos os dias, de todos os instantes; trabalho de observação, de experiencia, de penetração, de paciencia. Nenhum porventura exige mais continuidade e sequencia, e como em geral somos incapazes d'essas qualidades, cedo cançamos ás primeiras e certas difficuldades, e repetimos a fraze habitual: *Deixa estar, a escola* (ou o collegio) *te ensinará. . .*

Na educação da vontade a solução do problema está não em contrariar-a mas dirigil-a, e em desafial-a a exercer-se sobre cousas uteis e boas. «Si quizermos, diz um psychologo de crianças, comprehender a significação dos actos de uma criancinha, e dirigir sua vontade em um sentido util e progressivo, devemos-nos bem com-penetrar que todas as suas tendencias, sejam quaes forem, saem do egoismo e n'elle se transformam.»¹ Assim a questão é determinar as ten-

¹ Bernard Perez, *La Psychologie de l'enfant*, Paris, 1882, pag. 342.

dencias egoisticas de cada acto de vontade na criança, e atacar a tendencia e não o acto. O modo de atacal-a é questão de geito e delicadeza, de modo a conseguir-se que a vontade, em vez de ser violentada, se exerça ainda reagindo contra si mesma. A criança que primeiro quiz e depois, cedendo a uma doce violencia, diz não quero mais, exerceu incontestavelmente a sua vontade, com outra vantagem, a de realisar a suprema victoria humana, qual a de vencer-se a si mesmo.

Quando a criança, porém, for apathica, indolente, cumpre desenvolver-lhe a vontade, a qual não é sinão uma maneira de ser da energia, incitando-a e procurando desafiar n'ella o sentimento do brio, da dignidade e da honra. Ella não quer brincar, incitae-a a brincar, mostrae-lhe as outras que brincam, brincae com ella, fazei-lhe sentir o attractivo dos brinquedos, arrastae-a brandamente e persuasivamente a brincar.

Ha crianças — e entre nós por virtude da hereditariedade são communs — cuja vontade activa e imperiosa ao principio, á primeira difficuldade desfallece. É preciso não consentir n'esse desfallecimento. Cumpre animal-as, encorajal-as

ajudal-as mesmo um pouquinho, deixando-lhes comtudo o trabalho maior e, vencidas as difficuldades, festejar com ellas o triumpho. Na educação do character, a disciplina domestica é o agente principal. Essa disciplina carece de ser a um tempo severa, benevolente e constante, e não ter outro movel sinão o interesse da criança, porque, conforme judiciosamente pensa um pedagogista já citado, «a disciplina deve ser feita para corrigir as crianças de seus máos instinctos e melhorar-lhes o character, não para proporcionar aos paes e aos mestres uma tranquillidade que o arduo trabalho da educação não admitte, nem para diminuir o mais possivel a sua responsabilidade.»¹ Essa é a primeira regra da educação.

No Brazil, saído do duro e como quer que seja inintelligente systema de educação portugueza, caímos, por influencia de idéas francezas, no extremo opposto. A licença que começava a caracterisar a liberdade no Brazil, é apenas o prolongamento no estado do systema familiar. Na familia tambem confundio-se licença com liber-

¹ Alex. Martin, *Obra cit.*, pag. 262.

dade. Ora a melhor instructora da liberdade não é a licença, é a disciplina, imposta como um dever moral cujo exacto cumprimento eleva e não rebaixa quem a elle se sujeita.

Sob o pretexto de *educação moderna* tudo foi permittido, e a facilidade de tudo fazer em vez de, por exemplo, educar a vontade, enfraqueceu-a porque na vida pratica essa vontade amimada quebrantava-se ás primeiras contrariedades.

É indispensavel não confundir a vontade com a voluntariosidade, si me permittem a expressão. A vontade é uma das forças vivas do character, é a somma de todas as energias moraes dirigidas no intuito da obtenção de um resultado que a educação moral deve esforçar-se para que seja sempre util e honesto. A voluntariosidade é o máo lado d'essa virtude, é o capricho ridiculo que faz a criança exigir a lua ou não querer beber sinão no copo do taberneiro defronte, segundo a conhecida anecdota brazileira. Póde-se affirmar que todo o voluntarioso é um homem sem vontade, porque só a exerceu caprichosamente, inconstantemente, variando de objecto a cada obstaculo, isto é sempre, porquanto a exer-

cerá principalmente sobre factos nem constantemente possíveis. Ora este perennal quebrantamento da vontade, não é, certo, o melhor meio de fortificar-a.

O melhor argumento, porém, contra o systema em geral entre nós adoptado (ou, diria eu melhor, da falta de systema) de consentir em tudo afrouxando até o relaxamento a disciplina, é que os povos mais viris, mais fortes e mais energicos são aquelles cuja educação domestica e publica não afrouxou a disciplina e manteve em todo o seu prestigio a autoridade do mestre e da familia — os inglezes, os allemães e os americanos.

Obedecendo é que se aprende a mandar, e esta verdade não escapou á profunda experiencia popular que a reduzio ao annexim: *quem não sabe fazer, não sabe mandar*. «Os que mais souberam obedecer emquanto na infancia, diz Alex. Martin, não são os que mostram menos energia na vida social, com a condição porém de lhes não haverem enervado a vontade vedando-lhes, por uma intervenção pertinaz, os meios, digamos assim, de a educarem.»¹ Si o habito de

¹ *Obra cit.*, pag. 266.

ção e cuidados da familia e dos preceptores. A extincção da escravidão não é de si mesma bastante para apagar os funestissimos effeitos da execranda instituição, que só muito de passo ir-se-ão dissipando. É, pois, indispensavel — e isto sentiram os mais bem allumiados abolicionistas — que a obra gloriosa cujo corramento foi a Lei de 13 de Maio de 88, se continue pela educação, não só dos libertandos, sinão de nós todos, todos mais ou menos contaminados pela sua peçonha.

Certo a extincção do elemento servil — segundo o euphemismo com que fugiamos de dizer a escravidão — trará forçosamente a diminuição dos serviçaes gratuitos, e não se verá d'aqui para pouco casas, aliás pobres, em que tantos eram os servidores como as pessoas servidas. Isso nos obrigará a servirmo-nos nós mesmos, e até a servir aos outros, consoante as exigencias da necessidade — mas não será bastante para destruir os effeitos, fatalmente duradouros, do mal. É a educação, largamente comprehendida, dada na familia, dada na escola, dada na sociedade, que póde acudir a mais promptamente remedial-o.

Em resumo, a educação do caracter como

indispensavel elemento da nossa educação nacional, qual a reclamam os mais altos interesses da patria brasileira, deve ter por fim combater em nós tudo o que deprime o nosso caracter, desenvolvendo ao mesmo tempo as qualidades contrarias.

Essa é a missão da Familia, da Escola, da Sociedade, das Religiões, da Politica, da Litteratura, da Sciencia e da Arte — si bem querem merecer da Patria e da Humanidade.





IV

A EDUCAÇÃO PHYSICA

A' mesa do *squire*,¹ após a retirada das senhoras, como na locanda em dia de feira, e na taberna da aldeia ao domingo, o assumpto que, depois da questão politica do dia, mais excita o interesse geral, é a criação dos animaes. De volta de uma caçada, a maneira de melhorar as raças cavallares, os cruzamentos, os commentarios sobre as corridas, preenchem a palestra dos fidalgos que a cavallo recolhem á sua residencia; um dia de caçada a tiro nos pan-

¹ Titulo dado na Inglaterra, não só aos fidalgos, mas a certos funcionarios, aos capitalistas e aos que exercem uma profissão liberal.

tanaes não finda sem que tratem a arte de ensinar cães. Dous fazendeiros que atravez dos campos voltam do officio de domingo, passam gostosos das considerações sobre o sermão ás observações sobre o tempo, as colheitas, os gados, e d'ahi resvala a discussão ás differentes especies de forragens e as suas qualidades nutritivas. Na taberna, Hodge e Gilles, mostram, por suas observações comparadas sobre as respectivas possilgas, que cuidaram dos porcos de seus amos e que sabem os effeitos que este ou aquelle processo de engorda n'elles produz. Já não é sómente entre as populações ruraes que o arranjo do canil, da estrebaria, do estabulo e do aprisco, é assumpto favorito. Nas cidades tambem, os numerosos operarios que possuem cães, os rapazes sufficientemente ricos para se poderem entregar ao prazer da caça, e seus paes, mais sedentarios, que tratam os progressos da agricultura, que leem os relatorios annuaes de M. Mechi e as cartas do M. Caird ao *Times*, si quizessemos contal-os, formariam um consideravel total. Passae em revista a população masculina do reino, e achareis que a grande maioria interessasse pelas questões de cruzamentos, de criação, de

educação de animaes de uma especie ou de outra.

« Quem, entretanto, nas conversações de depois do jantar ou nas palestras da mesma natureza, ouviu jamais uma palavra sobre a *criação* das crianças? Quando o fidalgo rural fez sua visita quotidiana ás estrebarias, e elle proprio inspecionou o regimen que fazem seguir aos seus cavallos, quando deu uma volta de olhos a seus gados e fez recommendações a respeito, quantas vezes succede que suba ao quarto das crianças, examine os alimentos que lhes dão, informe-se das suas horas de comida, e veja si é sufficiente o arejamento da *nursery*? Em sua livraria encontram-se *O Ferrador* de White, o *Livro da herdade* de Stephens, o *Tratado de caça* de Nemrod e, em geral, leu estas obras; mas que livros leu elle sobre a arte de criar as crianças de mama e as mais crescidas? As propriedades que para a engorda do gado têm o nabo ou a colza, o valor nutritivo do feno e da palha picada, o perigo do abuso do trevo, são pontos sobre os quaes é instruido todo o proprietario, todo o fazendeiro, todo o matuto. Mas qual d'entre elles inquerio si a nutrição que

dá aos seus pequenos é apropriada ás necessidades da natureza de meninas e meninos em crescimento? Acaso dirão, para explicar esta anomalia, que estes homens, em se occupando dos animaes, não fazem sinão occuparem-se de seus negocios. Não é esta razão bastante, porque o mesmo acontece nas outras classes da sociedade. Muito poucos entre os habitantes das cidades, ignorarão que não convém fazer trabalhar um cavallo logo depois de ter comido; e todavia, se encontraria apenas um entre elles, suppondo que fossem todos paes, que comsigo mesmo consultasse si é sufficiente o tempo que discorre entre os repastos e as lições de seus filhos! Si penetrardes o intimo das cousas, vereis que quasi sempre um homem considera o regimen seguido na *nursery*, como assumpto que lhe deve ser estranho. *Ah! deixo isso ás senhoras!* responder-vos-á elle provavelmente; e, frequentemente, o tom em que o dirá deixará manifesto que julga taes cuidados incompativeis com a dignidade de seu sexo.

«A qualquer luz que encaremos o facto, não é singular que emquanto homens de educação consagram muito tempo e reflexão á criação de

touros selectos, julguem tacitamente o cuidado de criar bellos homens, indigno de sua attenção? As mães que apenas aprenderam as linguas, a musica e certas prendas feminis, auxiliadas por amas carregadas de velhos preconceitos, são julgadas juizes competentes da alimentação, do vestuario, do gráo de exercicio que ás crianças convém. Emquanto isso, os paes lêem livros e artigos de jornaes, reúnem-se em commissões, fazem experiencias e travam discussões, com o fim de descobrir quaes os melhores meios de engordar os porcos! Vemos que se dão a perros para produzir um cavallo de corrida que ganhará o *Derby*, nada se faz para produzir um moderno athleta. Si Gulliver houvesse contado que os habitantes de Laputo entre si contendiam em criar o melhor possivel os filhinhos das outras creaturas, e não se lhes dava de saber conforme cumpria-lhes criar os seus, este absurdo pareceria igual a quantas sandices lhes elle attribue.

«A questão, entretanto, é grave. Por mais ridiculo que seja o contraste, o facto que envolve não é menos desastroso. Conforme disse um espirituoso escriptor, n'este mundo a primeira condição do successo é *ser um bom animal*, e a pri-

meira condição da prosperidade nacional, é ser a nação formada de *bons animacs*. Si o desenlace de uma guerra depende muitas vezes da força e da audacia dos soldados, nas luctas industriaes tambem, a victoria depende do vigor physico dos productores.»¹

É assim que Herbert Spencer, o grande pensador inglez, enceta no seu suggestivo livro sobre a educação intellectual, moral e physica, o capitulo que esta ultima trata. E esta critica, tão cheia do excellent *humour* inglez, faz o maximo dos modernos philosophos d'aquella nação, ao povo que aliás mais se occupa da educação physica, ao povo em cujas escolas secundarias e superiores o tempo dado aos exercicios corporaes é quasi igual ao horario votado aos trabalhos intellectuaes!

O que se poderia dizer do Brazil onde a *educação physica* é apenas uma vaga designação que sómente agora entra a ser superficialissimamente conhecida? Aqui, estamos ainda mais atrazados, porque nem ao menos da educação dos animaes

¹ Herbert Spencer, *Obra cit.*, pag. 166-169.

tratamos, como soem fazer os inglezes, e o arre-medo do *sport* britannico, que só o amor do jogo faz manter entre nós, na exclusiva fórma de corridas de cavallos, é uma macaquice desintelligente e como quer que seja ridicula.

Pelo citado trecho do famoso philosopho, cujo systema baseia-se nos mais profundos estudos da biologia e da psychologia, está-se vendo como comprehende elle — e com elle a maioria de pensadores e pedagogistas, a educação physica.

Entre nós, quando se fala em educação physica, quasi se subentendem os exercicios gymnasticos e principalmente os chamados acrobaticos.

Não é esta a verdadeira e utilissima comprehensão d'essa fórma de educação que, não obstante preconizada desde Montaigne, Locke, J. J. Rousseau, Hufeland e Fröbel,¹ apenas agora começa a sair do dominio da especulação para o da pratica. Como deixa manifesto a citada passagem de Spencer, a educação physica, não se

¹ Veja-se em Fonsagrives, *Entretiens sur l'hygiène*, Paris, 1881, pag. 130 e seg. a discussão dos systemas d'estes philosophos.

limita apenas, como vulgarmente suppõe-se, aos exercicios physicos, mas abrange a hygiene, considerada esta, segundo a excellente definição de Littré e Robin como o conjuncto de « regras a seguir na escolha dos meios convenientes para entreter a acção normal dos orgãos nas diversas idades, constituições, condições da vida e profissões.» ¹

Como a educação espirital (intellectual e moral) tem por fim preparar um espirito culto e bom, assim á educação physica compete formar um corpo robusto e são, completando ambas o fim superior da educação, que é tornar o homem bom, instruido e forte.

A educação physica, pois, deve tomar o homem criança ainda, no berço e, atravez da primeira e da secunda infancia, da adolescencia e da mocidade, leval-o á virilidade, que lhe cabe fazer rija e valente.

Racionalmente, essa educação conviria começar da vida intra-uterina, por uma cuidadosa hygiene da mãe durante o longo e melindroso pe-

¹ *Dictionnaire de Médecine*, Paris, 1873, verbum *Hygiène*.

riodo da gestação. Desde Hippocrates sabe-se que «na madre identifica-se a criança de tal fórma com a vida da mãe, que a saude de uma faz a saude de outra,» e o notabilissimo especialista que cita este acertado conceito do profundo sabedor grego, ajunta «que não se poderia insistir demais sobre as fataes consequencias para a saude da criança, das faltas de regimen e imprudencias das mães.»¹

O alleitamento, a ablactação ou desmama-mento, a primeira nutrição, o vestuario, para não esmiuçarmos outros elementos que notaveis theoricos da educação fazem entrar nos seus systems, como os mesmos objectos que cercam o infante, os sons que cumpre elle ouça, as cores que lhe devem ferir a retina, em summa todas as influencias do meio circumstante, exigem attentões especialissimas n'uma educação physica intelligentemente dirigida. Si na Europa cultissima estes ensinamentos de medicos e pedagogos não entraram ainda completamente na massa do publico, entre nós são siquer conhecidos, com gra-

¹ E. Bouchut, *Hygiène de la première enfance*, Paris, 1885, pag. 6.

vissimo e incalculavel prejuizo, não só para o melhoramento da população como para o seu mesmo crescimento. Acredito que si houvessemos um serviço de estatistica bem organizado e digno de fé, espantaria a cifra dos obitos de crianças. E, como é sabido, as estatisticas europeas provam, a não deixar duvida, que a mortalidade das crianças depende consideravelmente da hygiene.

Nada obstante a meiguice e carinho da mãe brasileira — o que prova que mesmo as virtudes querem-se esclarecidas — a nossa educação infantil, physica como espirital, é inteiramente primitiva e empirica.

Os nossos filhos eram entregues aos cuidados das escravas, cujo leite quasi sempre eivado de vicios que mais tarde lhes comprometteriam a saude, principalmente as alimentavam. Eram as mucamas, escravas ou ex-escravas, — e isto basta para indicar o seu valor — que de facto dirigiam a sua primeira educação physica, pois eram ellas quem superentendia na alimentação, nos passeios, no vestuario e nos demais actos da vida infantil. Não era raro ver meninos de oito e mais annos dormindo na mesma rede que a mucama de seu

serviço que, em geral extremamente amorosa e afeiçoada a elles, não sabia recusar-lhes nada, nem mesmo aquillo que evidentemente lhes podia comprometter a saude. O que tinham de enervantes semelhantes costumes, que, sem mentir, si não podem dizer findos, não escapará a ninguem.

Estes habitos exigem corrigidos, e modificados de accordo com os ensinamentos da hygiene e pedagogia infantil.

É desde a primeira infancia que a educação physica bem comprehendida deve começar a sua obra de preparar gerações sãs e fortes.

Uma sociedade que se présa de civilisada e a quem não são alheios os interesses das gerações que lhe hão de succeder e preparar o futuro da patria, não póde, sem fallir aos seus deveres, postergar esse, talvez o mais caro de todos. Não lhe é dado tão pouco, para o desempenho intelligente d'esse encargo, ignorar qual a influencia que têm na educação physica dos primeiros annos, e quaes os cuidados que reclamam, as questões do vestuario, da alimentação, do arejamento dos quartos, da repartição das horas de refeição, de somno, ou de brinquedos, dos exercicios, das pri-

meiras noções e dos primeiros estudos, e ainda das companhias e das cousas exteriores que cercam a criança.

É desconsolador que todas estas graves e interessantes questões, tenhamos de ir estudal-as em autores estrangeiros, cujas doutrinas nem sempre se coadunem talvez ao nosso meio. N'esta parte da educação physica que incumbe á educação nacional ao nosso corpo medico — onde, com justo desvanecimento diga-se, não escaceia o merecimento — cabe uma parte preeminente. A educação — physica, intellectual e moral — tem hoje por base a psychologia, não a psychologia do nosso absoleto e como quer que seja ridiculo ensino de philosophia, mas a psychologia scientifica, cuja base é a biologia e a psychologia. Sem duvida alguma a psychologia da criança brasileira — como a do brasileiro — não é a mesma que a da criança franceza ou americana. São que farte as razões d'essa differença, a forrar-nos á obrigação de as pôr aqui. Entretanto, é aos sabios e mestres d'aquellas nações que vamos nós beber todo o conhecimento da psychologia infantil, que possamos ter. Aos nossos medicos, cujo concurso no ramo biologico a educação na-

cional reclama, cabe prover a esta penuria, que ao mesmo tempo como que vicía entre nós o problema da educação.

Na educação physica, principalmente, é o seu concurso indispensavel, pois estou a crer que, dadas as nossas condições de clima e de raça, a nossa constituição, o nosso temperamento, a nossa idiosyncracia, não tem absolutamente o mesmo valor os preceitos e ensinamentos dos especialistas estrangeiros relativamente ao vestuario, a habitação, a alimentação ou aos exercicios de corpo.

E é isto tanto mais relevante que, como ninguém ignora, a questão de temperamento e de idiosyncracia é capital na educação physica. ¹ Nem todos os exercicios convém a todos, já como qualidade, já como quantidade. A idade, o estado de saude, o predominio d'estes ou d'aquelles caracteres physicos, intellectuaes e moraes, merecem tomados em consideração n'esta como nas demais formas de educação. Importa, pois, e muitissimo, possuirmos trabalhos nossos, de observação original, *brazileira*, quer sobre a nossa

¹ Veja-se Dr. F. Lagrange, *Physiologie des exercices du corps*, Paris, 1888.

propria physiologia e psychologia, quer sobre sua applicação á pedagogia nacional.

Propriamente é na segunda infancia que devem começar os exercicios de corpo, as boas caminhadas, as marchas, os diversos movimentos dos varios membros, a pé firme ou em movimento, as corridas, os saltos e, sobretudo, os jogos como a petéca, as barras, o quadrado, o salta carneiro, a malha e todo uma collecção de jogos que nos faltam nacionalmente a nós mas que podem e devem ser introduzidos nas nossas escolas, nos nossos collegios e — oh! candida illusão minha! — até nas academias e demais cursos superiores.

Isso, porém, ha de ser difficilimo, dado esse enfatuamento de se fingir de homem, que distingue o *academico* brasileiro, o maximo fautor da indisciplina moral que tanto está prejudicando o paiz. Elle é litterato, poeta, discute os philosophos com uma grande erudição de catalogos, janota, *poseur*, discursador, namorado, abonecado, doutor desde segundo annista — estaria abaixo d'elle, da sua dignidade, do seu character, entregar-se a exercicios de corpo, fazer gymnastica, correr, jogar a bolla, a malha ou o *cricket*.

Como o jogo, além do bilhar nas salas empestadas de tabaco e suor, aprazem-lhe apenas os de cartas ou o da *roleta* . . .

Quasi se pôde assegurar que si a direcção do nosso ensino superior quizesse, embora mais officiosa que officialmente, levar esses rapazes á pratica dos exercicios phisicos, a quasi totalidade d'elles seria resistentemente avessa á innovação. Arremedarão grotescamente todas as ruins novidades parisienses de exportação, macaquearão ridiculamente os caixeiros viajantes inglezes, mas a sua vaidade infantil e o medo de exercicio, proprio á nossa molleza e indolencia, não lhes consentirá imitar intelligentemente as instituições e os costumes que cumpre-nos adoptar, si nos importa o não abastardamento da nossa raça.

Não só nos collegios, mas nas universidades e academias inglezas, suissas, allemãs, americanas e, muito recentemente, francezas, a educação phisica sob a forma de gymnastica, dos jogos athleticos, de esgrima, de pedestrianismo, de canoagem, de equitação, é, quando não uma instituição official, um costume tão inveterado e tão respeitado, que quasi faz lei.

Na Inglaterra, cujo povo é, incontestavelmente, o mais forte, o mais energico, o mais viril dos d'este fim de seculo, os exercicios physicos são, digamos assim, uma instituição nacional. As celeberrimas regatas entre as universidades de Oxford e Cambridge, occupam tanto a attenção d'esse povo grave entre todos, como a mais palpitante questão parlamentar sobre a sua politica exterior. Nos collegios universitarios, frequentados pela aristocracia ingleza e onde a despeza dos alumnos é em media de 3 a 4 contos por anno, como Eton, como Harrow, como Rugby, nove horas por semana são exclusivamente consagradas em tres dias differentes aos exercicios physicos. ¹

O *cricket*, o *foot-ball*, as regatas, as grandes marchas, as corridas a pé, quantidade de pequenos jogos collegiaes, a natação, a caça á rapoza, a equitação, o *lawtennis*, o *boxe*, amados, espalhados e praticados por toda a Inglaterra e colonias, são a grande escola da educação physica ingleza. Seus resultados, ahi estão patentes.

¹ V. Philippe Daryl, *Renaissance physique*, Paris, 1888, e R. Bonghi, *Istruzione secondaria in Inghilterra*, in *Nuova Antologia*, Vol. xvi.

A Suissa, tem a gymnastica e os exercicios militares que ali, desde a escola até a universidade, fazem de todo o cidadão um bom soldado. Possui ainda os club alpinos e as excursões alpinas, e as numerosissimas sociedades de tiro, além da esgrima e dos multiplices jogos a que se entrega em geral a mocidade européa. As grandes festas federaes que ali se fazem, de tiro, gymnastica, exercicios militares, recordam as grandes festas isthmicas da Grecia antiga. Taes solemnidades não são apenas manifestações de exercicios e vigor physicos, são mais, são verdadeiros meios de educação nacional, pelos sentimentos patrioticos que despertam e pela sensação moral que deixam da solidariedade dos mesmos esforços em commum feitos e das mesmas palmas ganhas.

«A Allemanha, diz, fundado em autoridades valiosissimas, o Sr. Ruy Barbosa, consagra á educação physica um culto que se confunde quasi com o patriotismo.»¹ A gymnastica é ali appellidada, conforme Miguel Bréal, citado pelo mesmo Sr. Ruy Barbosa, uma *arte nacional*. Em

¹ *Obra cit.*, pag. 127.

uma conferencia feita na Associação dos medicos militares allemães, o celebre physiologista Du Bois Reymond, professor na Universidade de Berlim, affirmava que o exercicio merece um lugar na ordem do dia da sciencia, e analysando tres systemas de exercicio, a gymnastica allemã (*sic*), a gymnastica sueca e os exercicios athleticos inglezes, assevera que «a gymnastica allemã, com a sua sabia mistura de theoria e practica, fornece a mais favoravel solução, quiçá a solução definitiva, do tão importante problema que desde Rousseau occupa a pedagogia.»¹ Isto só deixa ver a importancia que na cultissima Allemanha dão, como principal elemento de educação physica, á gymnastica, intelligentemente cultivada, e por sabios illustres regulada nos seus methodos e estudada nos seus effeitos. Á gymnastica juntam-se os exercicios militares, os jogos e, nas universidades, a esgrima praticada como uma tradição de honra e de coragem. O serviço militar obrigatorio, trabalhoso, duro, rude e sempre activo, completa esta educação.

Os Estados-Unidos conservam tradicional-

¹ *L'Exercice, Revue Scientifique*, Paris. Tome XXIX, pag. 108.

mente os velhos jogos inglezes. Demais, a gymnastica, sob a forma e nome especial de exercicios callisthenicos, entrou desde muito no systema geral de educação publica.

Organisando após a catastrophe a educação nacional, não esqueceu a França esta feição fundamental d'ella. A gymnastica, acaso por demais systematicamente organizada, e depois os exercicios militares, entraram obrigatoriamente no ensino official primario e secundario. Por 1888 uma reacção, provocada principalmente pelos estudos sobre a educação physica na Inglaterra, de Paschal Grousset (Phillipe Daryl) primeiro publicados no *Temps* e depois em volume,¹ contra o systema francez e a favor do inglez, desafiou um movimento a favor dos jogos. D'esse movimento nasceu a Liga da Educação physica, que encontrando a maior sympathia e auxilio do governo, de todas as administrações, da Universidade e da população, conseguiu, sem prejuizo da gymnastica, introduzir nas escolas, collegios e lyceus o uso dos jogos athleticos, assim ingle-

¹ *Renaissance Physique*, Paris, 1888.

zes como velhos jogos francezes restaurados. ¹ Um jornal especial da Liga não só informa do seu movimento e progresso, como publica constantemente conselhos de hygiene, preceitos sobre a educação physica e noticias de jogos, com explicações circumstanciadas e praticas das suas regras e meios.

Em todas as demais nações onde o espirito publico não dorme, sinão que vela continuamente pelos interesses da patria, tem a educação physica merecido particular interesse. Na Suecia, na Belgica, na Hollanda, na Austria e na Italia faz parte dos programmas escolares.

Em todos os paizes civilizados, medicos, physiologistas, hygienistas, pedagogistas multiplicam em livros, em revistas e nos mesmos jornaes diarios, conselhos, prescripções, alvitres ou direcções sobre todos os diversos aspectos que póde apresentar o interessante problema da educação physica.

Entre nós tudo, infelizmente, está por fazer. Existe, é certo, em alguns programmas officiaes

¹ Ver este movimento em *L'Éducation Physique, Bulletin de la Ligue Nationale de l'Éducation Physique*, Paris, Rue Vivienne, 51.

sob a exclusiva forma da gymnastica, mas, ou seja porque esses programmas em geral se não executam sinão em minima parte, ou seja porque os professores tambem a não aprenderam e menos a estimam, é essa determinação letra morta. Acresce o julgarmos que gymnastica são os exercicios acrobaticos, o que de todo o ponto falsêa a idéa pedagogica d'esse ensino.

Precisamos, n'este ponto como em tantos outros, reagir.

Cumpre fazermos entrar a educação physica na nossa educação, nos nossos costumes.

Devemos, entretanto, comprehendel-a largamente, scientificamente. Penetrar-nos de que ella se não limita a gymnastica, cujo valor, como foi de passagem indicado, é muito relativo.

Cuidemos da hygiene particular e individual, apenas entre nós conhecida, mas de nenhuma forma praticada. Introduzamos nas nossas escolas, nos nossos collegios e outros estabelecimentos de instrucção primaria e secundaria, a gymnastica, principalmente aquella que dispensa apparelhos, os exercicios callisthenicos, as corridas, as marchas, os saltos e os jogos estrangeiros, pois não temos proprios, que melhor se adaptem ao

nosso clima, ao nosso meio. Que em cada cidade as municipalidades preparem pequenos ou grandes prados em parte arborisados, em parte gramados, onde os alumnos dos estabelecimentos publicos e particulares, vão, conduzidos pelos mestres, em dias determinados, entregar-se a exercicios de corpo e aos salutaes prazeres dos jogos athleticos. Creemos na nossa mocidade, tão fraca, tão estiolada por uma piegas litteratice precoce, isso que um escriptor francez, tratando estes assumptos, chama *materia de enthusiasmo*.¹ Incitemos n'ella esses ardores da lucta physica, a ver se lhe geramos o enthusiasmo que lhe falta nas luctas intellectuaes e moraes. Quantos pedagogistas e physiologistas têm estudado estas questões, são accordes em reconhecer a influencia poderosa da educação physica sobre a intelligencia, sobre o character, sobre a moral. E a pedagogia scientifica, sciencia — si tal nome lhe cabe — ainda em via de formação e onde tantas são as questões controversas, é unanime n'este ponto.

Suscitemos nas nossas academias o gosto por

¹ P. de Coubertin, *L'Éducation Physique* in *Revue Scientifique*, Tome XLIII, pag. 141.

esses exercicios. Todas ellas se acham em cidades onde a canoagem, sob o aspecto hygienico um dos mais completos exercicios que se possa fazer, facilmente poderia ser praticada. Mas não somente o exercicio de remar, porém as grandes marchas a pé, a esgrima, os jogos como o *cricket*, a malha, a pélla, certo não desdourariam os nossos jovens doutores. Os que remam nas regatas de Oxford e Cambridge podem ler á primeira vista uma pagina de Homero ou de Demosthenes, um capitulo de Tacito ou uma comedia de Plauto, e discutiriam com grande lucidez e solida noticia dos textos uma questão de direito romano ou patrio. E não ha quem não saiba que uma das glorias de que se desvanecce o velho Gladstone, o famoso *cricketer* de Eton, é de ainda septuagenario poder derrubar um carvalho a machadadas. Tem oitenta annos e dirige na Inglaterra, com a actividade e o ardor de um rapaz, a mais bella, a mais generosa, porém a mais ardua e difficil campanha politica d'este fim de seculo. Exemplos d'estes ali encheriam uma pagina, e os homens mais altamente collocados n'esse paiz tão essencialmente hierarchico, cujos nomes figuram nos velhos registros universita-

rios como *cricketers*, ou *boxers* de primeira força, como chefes no *foot-ball* ou vencedores nas famosas regatas, têm como uma honra apreciável presidir os *clubs* athleticos, os seus *meetings* e as suas luctas nos varios campos em que, em determinados periodos, se reúne a mocidade ingleza em prazo dado de emolução, de força, de vigor e de coragem. E não é amplificação dizer que a Inglaterra acompanha estes incidentes com um grande interesse nunca enfraquecido. Os mais graves jornaes, como o *Times*, occupam-se longamente d'essas celebres partidas, com quasi o mesmo interesse com que tratam as questões da politica européa. Não nos admiremos, pois, que esse povo vá conquistando o mundo; sobeja-lhe para isso força, energia e audacia.

Em se tratando d'estes exercicios no Brazil, a nossa indolencia nacional acóde com a contrariedade do clima, que se não presta a elles, que os não consente, que torna-os impossiveis.

Taes objecções são sem valia alguma, não só diante da *physiologia*, como da pratica. Si, como o demonstra aquella sciencia, os exercicios *physicos* são um revigorador das energias *physicas* e portanto da saude, é justamente em os climas

enervadores e debilitantes como o nosso que convém mediante elles reagir contra a acção do meio physico. Segundo o physiologista francez Lagrange, a medida physiologica dos exercicios corporaes é o affrontamento (*essoufflement*) no seu terceiro periodo ou axphyxico.¹ Sendo assim já temos no Brazil um criterio seguro na pratica d'esses exercicios. Visto o nosso clima, o canção nos chegará a nós primeiro e com menor somma de força despendida que em clima mais fresco ou frio, mas como a maior ou menor intensidade da fadiga depende tambem do preparo (*entrainement*) e do habito do exercicio, essa perturbação na funcção dos orgãos respiratorios pôde ser pouco e pouco recuada. Demais aos nossos physiologistas compete o estudo minucioso d'esta questão no ponto de vista brasileiro, para determinarmos com certeza quaes os exercicios que melhor nos convém, como o tempo a empregar n'elles, a hygiene que reclamam.

Afóra esta parte scientifica da questão, a pratica prova a favor da sua adaptação. Si os exercicios physicos não fossem aqui possiveis, o

¹ *Obra cit.*, pag. 65 e seg.

trabalho physico, como a lavoura, não o seria tambem. Um viajante inglez, que estudou demoradamente a Amazonia, referindo-se á habitabilidade d'esta região pelo europeu e a possibilidade d'elle n'ella se occupar, julga que o problema se resolveria pela simples modificação das horas de trabalho; o europeu que lá trabalha doze podia limitar-se aqui a trabalhar seis, tres de manhã, tres á tarde.¹ Tal indicação do celebre emulo de Darwin, tem certo excellente applicação n'esta controversia da praticabilidade e conveniencia dos exercicios physicos entre nós.

Ha, porém, argumento acaso mais forte e ponderoso. Na Australia, cujo clima é seguramente mais quente e peor que o nosso, esses exercicios são correntemente praticados. Sabem todos que periodicamente o *Cricket Club* australiano envia campeões seus á mãe patria disputar aos *cricketers* inglezes as victorias dos celebres *matches*.

Derrubada assim a especiosa objecção, urge cuidarmos seriamente de introduzir no nosso sys-

¹ Alfred Wallace, *Narrative of travels on the Amazon and Rio Negro*, London, 1853, pag. 80.

tema geral de educação, a educação physica, e nas nossas escolas, nos nossos collegios, nas nossas academias, nos nossos costumes emfim, os exercicios de corpo, todos esses exercicios que os inglezes conhecem sob o nome collectivo de *sport*.

A educação physica no Brazil é, em todo o rigor da expressão, um problema nacional.

Nossa raça, sentem-no todos, se enfraquece e abastarda sob a influencia de um clima deprimemente, peiorada pela falta de hygiene, pela carencia de exercicio, pela privação da actividade. Uma propaganda que não quero, como o Sr. Sylvio Roméro, chamar anti-patriotica, mas que certo não vio o interesse do Brazil sinão por um lado, attraio e localisou em determinadas regiões do paiz uma immigração, forte pelo numero e pelo vigor, e que melhor valera disseminada por elle todo. Essa propaganda continua, e certo continuará a affluir, e em maior numero, a immigração, principalmente allemã e italiana.

A lucta entre essa gente, incomparavelmente mais forte, e nós, não póde ser duvidosa. O campo de combate será primeiramente o das actividades physicas, aquelle que exige maior somma de

robustez, de força e de saúde, o commercio, a industria, os officios, a lavoura.

É, portanto, indispensavel preparar-nos para, sem recorrer a meios que não consente a nossa civilisação, não nos deixarmos abater e esbulhar, afim de que esta terra, que nossos antepassados crearam e civilisaram, e cuja futura grandeza preparam, seja principalmente nossa.





V

A GEOGRAPHIA PATRIA E A EDUCAÇÃO NACIONAL

PEZAR da pretensão contraria, nós não sabemos geographia. N'esta materia a nossa sciencia é de nomenclatura, e, em geral, cifra-se á nomenclatura geographica da Europa. É mesmo vulgar achar entre nós quem conheça melhor essa que a do Brazil. A geographia da Africa, tão interessante e attractiva, a da Asia ou da Oceania e até a da America, que após a nossa, é a que mais interesse nos devia merecer, mesmo reduzida a essa esteril enominação, ignoramos completamente. E o peor é que esse nosso conhecimento dos nomes dos diversos accidentes geographicos da Europa, nos

torna orgulhosos e prestes sempre a ridicularisar os frequentes desacertos dos europeus, principalmente francezes, quando se mettem a tratar de nossas cousas.

Como si os nossos jornaes não estivessem cheios de iguaes desconchavos quando entram a tratar mesmo da Europa, fóra da batida estrada da nomenclatura!

A geographia, entretanto, sob a influencia principalmente dos allemães e do seu grande geographo Ritter, soffreu n'esta ultima metade do seculo uma reforma radical tanto nos seus methodos, como no seu espirito. Depois de Ritter póde-se dizer, como conceitua um critico, que a geographia tornou-se a psychologia da terra. Um notavel homem de sciencia inglez, em um livro substancial que muito recommendamos aos nossos professores de geographia, indica superiormente a importancia do ensino geographico, qual se o está comprehendendo hoje. «Ligando, diz elle, estas particularidades locaes com a historia humana, a geographia nota quão largamente influiram ellas sobre o progresso dos acontecimentos politicos, como por exemplo dirigiram a emigração dos povos, guiaram ou detiveram a onda

das conquistas, moldaram o character nacional e deram até colorido á mythologia e á litteratura nacionaes.» ¹ «A geographia, diz o Sr. Buisson, põe mais ou menos em contribuição todas as sciencias. Toca á astronomia, á geometria, á geologia, á physica, á chimica, á meteorologia, á botanica, á zoologia, á ethnographia, á linguistica, á estatistica, ao direito, á economia politica, á historia, á archeologia. Tendo de representar o mundo terrestre em escoreço, resume e condensa todo o saber humano. Entretanto, nada inventa; contenta-se em comprehender, classificar e descrever.» ²

Certo estamos bem longe d'esta nova concepção da geographia, apesar de haver o governo, ha disto uns quatro annos, modificado os programmas, como quer que seja inspirado d'esta concepção. É verdade que ainda d'esta vez foi irreflectido e desacertado o acto da alta administração da «*Instrucção Publica da Corte,*» introduzindo no programma do estudo de geographia

¹ Arch. Geikie, *The Teaching Geography*, London, 1887, pag. 2.

² *Dictionnaire de Pédagogie et d'instruction primaire*, II part. Tom. I, pag. 856.

do nosso mofo ensino secundario questões que, dada a organização e distribuição do ensino no ramo primario e n'esse, eram absolutamente impossiveis para elles. Valeu-lhes, porém, que em algumas provincias o exame continuou a fazer-se pelos antigos programmas, e os novos pontos, si entraram na urna, nunca de lá saíram.

No ensino primario brasileiro o da geographia é lamentavel e, quando feito, o é por uma decoraçãõ bestial e a recitaçãõ inintelligente da liçãõ decorada. N'este Estado — que gasta com a instrucçãõ publica mais de 700 contos por anno, é rarissima, si existe, mesmo aqui na capital, uma escola em que se encontre um mappa geographico, e certamente não ha nenhuma que possua um globo. Creio que o Pará não tem o privilegio d'esta situaçãõ.

Dizer isto, dispensa quaesquer considerações sobre o ensino geographico na nossa escola primaria.

O ensino secundario é feito com vista no exame, apressada e precipitadamente, e resume-se na enumeraçãõ e nomenclatura.

Não possuímos estudo superior de geographia. Temos, é certo, na Escola Polytechnica do

Rio de Janeiro, um curso que se chama de engenheiros geographos. Ignoramos o motivo de semelhante denominação, pois não consta que n'esse curso se estude qualquer das materias que constituem as hoje chamadas sciencias geographicas. Além da astronomia, estudam geodesia e topographia, n'um estreito ponto de vista mathematico e de agrimensura.

A geographia ou corographia do Brazil conforme a nomeamos, não é mais bem aquinhoadá. Os poucos compendios que temos, mal pensados e mal escriptos, carecem inteiramente de valor pedagogico. Alguns ha, e approvados e bem recommendados pelos conselhos directores de instrucção publica, que tratando especialmente de cada provincia limitam-se a enumeração secca das cidades, a indicação do bispado a que pertencem, a divisão judicial, o numero de representantes, calando completamente as noticias muito mais uteis sobre o clima, a configuração physica, o regimem das aguas, os productos e as zonas de producção. Quão longe estamos nós dos excellentes trabalhos allemães, inglezes, americanos ou francezes sobre isto! Em França, para não citar sinão os que nos são mais familiares,

ha no genero os trabalhos verdadeiramente superiores de Levasseur, de Foncin e de Vidal Lablache, e na Inglaterra os de Geikie e outros. Porque não havemos desde já, embora com sacrificio — fecundo sacrificio — procurar imitar esses paizes e suscitar a adaptação ao nosso paiz dos mais recentes e melhores trabalhos para o ensino escolar da geographia, da geographia patria sobre tudo? Não seria um excellento meio indirecto de provocar o apparecimento de melhores compendios e manuaes, negar systematicamente a approvação e protecção official a esses compendios, e não dal-a sinão áquelles concebidos e executados segundo as actuaes exigencias do ensino geographico e os melhores modelos estrangeiros? Conviria, outrosim, que n'estes como nos demais livros didacticos os poderes publicos que intervem na sua escolha, não despresassem, como completamente fazem, a feitura material dos livros. A feição exterior, a factura, não é uma das menores vergonhas da nossa escaça litteratura pedagogica. Pertencem realmente á infancia da arte umas gravuras que se nos deparam em alguns compendios de geographia, aliás de accordo com o pessimo do papel, da impressão

e, geralmente, da obra toda. Ninguém ha hoje que ignore não é questão de nonada esta da perfeição graphica dos livros de ensino; faz isso tambem parte da educação, pelo lado esthetico. Vejam-se por exemplo os magnificos livros escolares americanos e especialmente os seus compendios de geographia — verdadeiras obras de luxo, apezar da extrema modicidade dos preços.

A esta penuria de compendios, junta-se agravando o mal já de si grave, a carencia total de mappas e cartas. Na mão do escolar brasileiro as cartas que se vêem, são estrangeiras. Acontece que ao passo que elle possui no seu atlas francez, inglez ou allemão, não só cartas especiaes de cada um dos principaes paizes da Europa, porém cartas particulares das divisões administrativas, das bacias fluviaes, além de cartas economicas, geologicas, etc., do paiz de onde é o atlas, o Brazil, o seu paiz, lá vem obscuramente perdido n'uma de regra detestavel carta da America do Sul. Os dous unicos atlas brasileiros que existem, os de Candido Mendes de Almeida e o de Ch. Robin, além de não satisfazerem de nenhum modo as exigencias da cartographia actual,

estão muito longe de ser correctos. Demais, o seu preço exageradissimo põe-n'os completamente fóra da classe dos livros escolares.

Tambem faltam-nos absolutamente os mappaes muraes. Afóra uma meia duzia de grosseiras especulações de livraria estrangeira ou nacional, só ha dous annos a esta parte possuímos um relativamente bom mappa mural do Brazil.¹ Este mesmo, porém, se nos affigura deficiente para um estudo do Brazil, qual o devemos fazer nas nossas escolas. Varios accidentes geographicos, como rios e lagos, não estão ahi indicados, como não está determinada de um modo graphico a geographia economica, os rios navega-

¹ O do eminente geographo Sr. Levasseur, feito por encomenda da direcção da Instrucção Primaria do Rio de Janeiro, e editado pela casa Ch. Delagrave, de Paris. N'esse trabalho foi o Sr. Levasseur pertinẽmente auxiliado pelo Sr. Barão do Rio Branco, um dos homens que melhor conhece a nossa historia e a nossa geographia. Como mappa estrangeiro o melhor que conhecemos é allemão, de Stieler, que faz parte da carta da America Meridional do *Stieler's Hand Atlas*. Os mesmos Srs. Levasseur e Rio Branco, acabam de publicar, com o concurso de scientistas e escriptores brasileiros uma bellissima edição em avulso do artigo *Brésil*, da *Grande Encyclopédie*, acompanhada de uma collecção magnifica de *Vues du Brésil*. É actualmente o livro mais completo e mais perfeito sob os varios aspectos da nossa geographia. Prouvera que, traduzido ou em original, se encontrasse em todas as familias brasileiras.

dos e outras circumstancias que muito importam para o escolar brasileiro. Sente-se tambem n'elle a falta de muitas cidades, e as mesmas que menciona, excepção feita das capitães das provincias, hoje estados, são em caracteres tão pequenos que quasi se tornam inuteis n'uma carta mural.

Rarissimas são as provincias que têm um mappa especial, de sorte que o estudo particular de cada uma das grandes divisões do Brazil, torna-se assim difficilimo.

Este mesmo mesquinho apparelho de geographia escolar commummente não se encontra nas escolas. O que affirmamos falando da geographia geral, é perfeitamente verdadeiro e semelhante respeito ao Brazil. Só extraordinariamente, n'este Estado ao menos, se encontra um mappa do Brazil, mesmo máo, dependurado das paredes de uma escola! E, convém repetir, não acredito que o Pará seja n'isto a excepção.

E a esta mingua de estudos escolares da geographia do paiz, e de elementos para o fazer, não ha como os supra o adulto. Da mesma sorte que não temos livros e cartas escolares, não os temos tambem para os estudos e leituras da idade madura.

O que sabemos da geographia da nossa patria, das feições characteristics do seu sólo, dos seus habitantes de outras zonas que não as nossas, sabemos-o pelos estrangeiros. Foram os Castelnau, os Saint-Hilaire, os Eschwege, os Martius, os Burton, os Agassiz, os Bates, os Wallace, os New-Wied, os Hartt e os Steinen, que nos ensinaram a geographia da nossa patria. O melhor trabalho geographico que sobre ella temos é allemão, de Wappœus. ¹ Si, graças ao benemerito Visconde de Porto Seguro possuímos, embora incompleta, uma historia geral nossa, ainda se não suscitou um brasileiro para nos dar uma geographia do Brazil.

Que desamor profundo do paiz, está este facto a revelar! Entretanto o conhecimento do paiz em todos os seus aspectos, que todos se podem resumir em dous — geographico e historico — é a base de todo o patriotismo esclarecido e previdente.

¹ Acha-se hoje em parte magistralmente traduzido e refundido sob a esclarecida direcção dos Srs. Valle Cabral e Capistrano de Abreu e publicado com o titulo de *A Geographia Physica do Brazil*, Rio de Janeiro, 1884. É o melhor livro que existe sobre a nossa geographia physica.

É por isso que a geographia do paiz, intelligentemente comprehendida e ensinada, é por assim dizer a base de toda educação nacional bem dirigida. Amiravel exemplo d'isto temos na França, {que procurando refazer a sua educação nacional, após os desastres do anno terrivel, voltou-se particularmente para o estudo da geographia. « Afóra a dor, ficou-nos de nossos desastres, diz o Sr. Buisson, um certo sentimento de humilhação: o estrangeiro estava geographicamente mais bem preparado para invadir o nosso territorio do que nós para defendel-o. D'ahi um impulso subito que por haver tido rapidos resultados, não foi menos serio nem menos duravel. Esse impulso antes augmenta que diminue, e em França não se esquecerá mais que é forçosamente necessario aprender a geographia.»¹ Foi realmente surprehendente o movimento nacional a favor do estudo da geographia. As sociedades topographicas e geographicas, os club alpinos, as revistas especiaes, multiplicaram-se. O ensino entrou largamente nos estudos primarios e se-

¹ *Obra cit.*, 1.^o partie. Artigo *Geographie*.

cundarios, como no superior, pela criação de cadeiras de ensino geographico em algumas faculdades.

O resultado foi que esse povo, que até bem pouco tempo merecia ainda o famoso apodo de Gœthe de não saber geographia, está hoje na primeira linha dos que a sabem. E quem, como o autor d'este livro, teve a inolvidavel fortuna de lhe admirar o vigor e progressos na sua ultima grande exposição, pasma realmente do material geographico que possui hoje a França. A secção pedagogica no grande palacio das Artes liberaes do Campo de Marte, era admiravelmente rica, e o que mais n'ella avultava eram os mil meios que uma industria habilissima e intelligente, ao serviço de geographos do mais alto valor, punha á disposição do ensino geographico. São sem numero hoje em França, não só os tratados compendios e manuaes que se disputam a primasia do methodo mais sagaz, da disposição mais methodica, do systema mais perfeito, como os mappas muraes hypsometricos, em relevo ou planos; os atlas maismeticulosamente trabalhados; as cartas mudas; os globos de todas as dimensões, lisos, em revelo ou em ardosia; os map-

pas quadro preto com os circulos terrestres traçados, onde o menino delineará o paiz e marcará os accidentes, as cidades, os caminhos de ferro; as cartas especiaes, geologicas, economicas, demographicas dando, com admiravel nitidez, as noções mais claras, mais precisas e mais seguras sobre a geographia patria.

É sabido que a geographia, como de resto todos os ramos do humano saber, é superiormente cultivada na Allemanha. O ensino da geographia ali, baseando e secundando o da historia, preparou de longa data a unidade allemã, e continua a insinuar os desejados e futuros engrandecimentos da Allemanha. Em um compendio official de geographia, que em 1882 teve a sua 61.^a edição, se ensina: «O centro da Europa conta nas suas 15.300 milhas quadradas 72.600:000 habitantes. Como estes são quasi todos allemães, havendo apenas slavos nos districtos da fronteira de leste, romaicos nas da do sul e de oeste, a Europa central recebeu o nome de Allemanha. Entretanto, desde 1871, tem-se o costume de restringir este nome á parte principal do todo, ao imperio da Allemanha. D'antes, não se fazia nenhuma reserva, e todos os estados que este

escolas com o material exigido e obrigado para um tal ensino.

Toda escola deve ter um ou mais mappas muraes do Brazil, uma boa carta do Estado a que pertencer a escola e, si fosse possivel, uma planta da cidade em que está e de suas convisinhanças. Não devemos limitar-nos a um unico mappa, sinão a mappas especiaes; economicos, em que venham indicadas, em cores e signaes differentes, as diversas zonas agricolas, industriaes ou mineralogicas, as estradas de rodagem ou de ferro, os rios navegaveis e navegados; geologicos, em que possamos estudar a formação e natureza do nosso solo e os diversos accidentes geologicos que importam ao perfeito conhecimento da nossa geographia physica. Foram utilissimas as cartas particulares de determinadas bacias fluviaes, como os diagrammas estadisticos mostrando o nosso desenvolvimento commercial, industrial, demographico, etc.

Assim apetrechado, inepto seria o professor que não ensinasse e mais que não fizesse amar aos seus alumnos a geographia de sua terra, e portanto a mesma terra, que podiam ainda tornar melhor conhecida nos seus aspectos pitto-

rescos, monumentaes ou de paizagem, mostrando-lhes gravuras, estampas ou photographias, e commentando-lh'as com intelligencia e gosto.

O methodo do ensino geographico é hoje em geral fundamentalmente o mesmo em todos os paizes cultos e são numerosos os livros que o indicam. As modificações que soffre dependem da individualidade do professor, mais ou menos habil, mais ou menos inventivo.

Eis um exemplo da maneira intelligente por que um pedagogista francez vio-o fazer na Allemanha: «O ensino da geographia começa pela descripção da região onde se acha a escola. O plano da cidade desenrolado diante dos alumnos, é muito circumstanciadamente estudado. As grandes direcções que pódem servir á orientação geral, as ruas, as avenidas, em uma palavra, as mais conhecidas arterias da cidade, e a posição relativa da escola, o curso do rio, si algum existe, são primeiramente indicados, sendo tudo apontado por sua vez na carta. Os differentes bairros discriminados por cores especiaes, são successivamente enumerados, desde os mais antigos aos mais novos; recordam os principes que os fundaram, os principaes architectos que

os edificaram ou embellezaram com edificios, as circumstancias que lhes deu o nome, de forma que assiste-se assim ao progresso que, activo já no antigo nucleo da velha cidade, provocou seu crescimento, fel-a muitas vezes saltar os muros de um recinto fortificado e que, atravez da historia e de suas vicissitudes, desenvolveu-a na forma da cidade moderna em que hoje a vemos. Os nomes das ruas, as pontes, os monumentos publicos servem para de caminho reconstituir uma longa chronica local, e em verdade animam aos olhos da criança, *os entes* d'esta grande morada, da qual é um dos habitantes.

«Si trata-se de uma provincia, da Silesia por exemplo, contam ou repetem os acontecimentos que provocaram a sua reunião á Prussia. Depois o mestre indica-lhe exactamente as fronteiras. Os alumnos reproduzem immediatamente esta exposição. Mestre e classe estudam após da mesma maneira o curso do rio central, depois o de seus affluentes, depois os productos do solo cuja diversidade é ligada a de outras regiões da provincia, vindo por fim a divisão politica d'essa.»¹

¹ Dumesnil, *Obra cit.*, pag. 36.

Esta simples exposição, reproduzida ao acaso d'entre muitas outras que sobejam sobre o ensino na Allemanha, diz, parece-nos, com precisão notavel, como a geographia póde ser um elemento de educação nacional e um estímulo ao patriotismo.

O livro de leitura, verdadeiramente brasileiro, viria, com descripções, noticias e illustrações geographicas, completar e constantemente recordar o ensino do mestre e do manual.





VI

A HISTORIA PATRIA E A EDUCAÇÃO NACIONAL

Si o brasileiro ignora a geographia patria, mais profunda é ainda a sua ignorancia da historia nacional. A geographia, essa aprende-se um pouco empiricamente nas viagens e digressões pelo paiz, nas conversações, na leitura das folhas diarias e nas mesmas relações sociaes. A historia, não ha outro meio de aprendel-a sinão estudando, e o brasileiro não estuda, ou tendo-a sempre materialmente representada por monumentos de toda ordem, e os não tem o Brazil.

Porque não é sómente nas escolas ou pelo estudo dos autores e documentos, que se póde

estudar a historia patria. O minimo ao menos do conhecimento do passado nacional indispensavel ao cidadão de um paiz livre e civilisado, e, porventura, o que mais importa saber para despertar n'elle os fecundos estimulos do sentimento patrio, ha outros meios que o ensinem. Os monumentos, os museus, as collecções archeologicas e historicas, essas construcções que os nossos antepassados com tanta propriedade chamaram memorias, são outras tantas maneiras de recordação do passado, de ensino historico portanto e, em ultima analyse, nacional.

E ensino ás vezes bem mais eloquente e palpavel que a prosa de um historiador. Dir-se-ia d'isso houveram consciencia os antigos, levantando a cada grande feito, e d'esse modo consagrando-o, alguma construcção que mais duradoura que a memoria dos coevos ou que o papyro, o liber ou o pergaminho dos escribas, trouxesse até nós a memoria de seus gestos grandiosos.

Por vezes a essas memorias de pedra ou de bronze juntam-se os cantos dos poetas e as lendas populares: uns e outros productos das mesmas forças emotivas que o povo contém e

que ou se consubstanciam e, por assim dizer, se individualisam n'um homem ou se dividem e repartem n'uma florescencia anonyma, mas vibrante e quente, da alma nacional. Portugal por exemplo — e é grato a quem tem a religião do passado rememorar os fastos gloriosos dos avós — Portugal, tem para recordar os dois factos capitaes da sua vida historica, a batalha de Aljubarrota, que lhe firmou a independencia, e as grandes navegações, e a consequente descoberta do caminho da India, que lhe deram a razão de ser historica, além das maravilhosas fabricas dos conventos de Nossa Senhora da Victoria e dos Jeronymos, o estupendo cyclo dos seus cancioneiros e o sublime poema de Camões.

O Escorial é toda uma pagina, sombriamente gloriosa, da historia da Hespanha, como Westminster é, não só uma gloria do passado inglez, como o cofre gloriosissimo que mais do que o sepulchral *Bank of England* encerra a maxima riqueza da Inglaterra: os despojos d'aquelles que a fizeram verdadeiramente grande: os seus navegadores, os seus poetas, os seus sabios, os seus oradores, os seus estadistas, os seus artistas e os seus escriptores.

Nações ha — e notareis, que são as mais adiantadas e progressivas — ciosissimas do seu passado e tradições e de todos os monumentos que os relembram e perpetuam. Não só desveladamente os conservam e restauram, sinão que carinhosamente vão erguendo novos, ou rebuscando e esquadrinhando antigos, com que engrossem os seus thesouros de recordações patrias, n'um tocante sentimento de amor d'essas recordações.

São agora innumerous os museus e collecções que, templos do patriotismo, encerram as reliquias do passado nacional.

Juntae a isto as inscripções lapidares consagrando o nascimento, a morte ou a simples passagem de um fallecido compatriota illustre, as estatuas, monumentos funerarios e memorias diversas, com que esses povos diariamente consagram, para a immortalidade e para a gloria, aquelles que os illustraram ou que os serviram, ou algum feito que os afama e glorifica, e tereis uma constante, eloquente e suggestiva lição de historia nacional.

E, comparando, o que possuímos nós outros brasileiros, tão ignorantes do nosso passado,

como descaroaveis de nossas glorias — que as temos — que de longe siquer se cotege com isso?

O nosso passado historico, as nossas origens politicas, são-n'os alguma cousa de vago e indefinido, como as epocas prehistoricas que ficam para lá do homem quaternario.

A profunda indiferença, feição dominante do nosso character, fez-nos sobretudo desprezar o nosso passado que nunca estudámos e que não conhecemos, e este lamentavel esquecimento e desamor foi parte grande n'esta nossa falta de sentimento nacional apontada.

No estado actual do Brazil a escassez de tal sentimento encerra acaso grandes e graves perigos. O verdadeiro patriota, que sem os irreflectidos enthusiasmos partidarios, assiste á reconstituição do paiz sob a forma federativa, aliás tão de molde para elle, estremece, lembrando-se quão precaria póde-se tornar de momento a unidade nacional da qual depende a sua grandeza, si lhe faltar um momento aquillo, que mais que as coacções da força, une os povos e faz as nações: o sentimento do passado, a possessão em commum de um rico legado de tradições, o desejo de viver juntos, e a incessante vontade de manter e

continuar a fazer valer indivisa a herança recebida. ¹

Para combater esse mal, para despertar em nós o sentimento da solidariedade e dar-nos a base moral que verdadeiramente faz e engrandece as nações, carecemos sem perda de tempo, com entusiasmo e com amor, fazer, teimo em repetil-o, a nossa educação nacional.

A educação nacional se não póde fazer sinão pelo estudo da patria, e no estudo da patria a sua historia é, quasi poderia dizer, a parte principal.

Todos os povos — é obrigação insistir n'estas comparações que, especie de razões concretas, valem por ventura mais que os melhores argumentos abstractos — todas as nações comprehendem que o sentimento nacional e consequentemente o patriotismo, inspiram-se no conhecimento da patria e da sua historia, isto é, da sua vida.

Na antiguidade, além da vida ser, em um certo ponto, mais activa e digamos assim, mais

¹ E. Renan, *Qu'est ce qu'une Nation?* in *Rev. Polit. et Litt.* Tom. III, 1882, pag. 322.

vivida, vida toda de forum, de ágora, de combates, de luctas, o que por si era uma patente e perenne lição, os espectaculos, como os jogos olympicos e isthnicos, as grandes manifestações guerreiras ou civicas, como os triumphos romanos, eram um estimulo para esse sentimento, aliás sempre alerta diante das invasões e ataques a cada momento possiveis dos barbaros e visinhos. As proprias religiões, de um character estreitamente nacional, e suas pompas, concorriam para trazer acordada essa virtude a que o romano chamou civismo. A educação grega, como a educação romana, foram sobretudo nacionaes, embora cada uma com o seu character proprio, n'uma pacifico e intellectual, espiritual diriamos, n'outra, guerreiro e politico.

Desde a queda do Imperio, invasão dos Barbaros, advento do Christianismo, a idéa de patria desaparece, de um lado pelo baralhamento das linguas, das fronteiras e das raças, de outro sob a influencia da idéa messianica do reino de Deus como unico que valia os esforços humanos, propagada pelo Christianismo triumphante.

No fraccionamento feudal acabou, por assim dizer, por desmanchar-se a idéa de patria frac-

cionada por sua vez na idêa do feudo, do burgo ou da região, e o sentimento nacional, que apenas reaparece com a organização dos Estados modernos após a longa, não diremos noite, mas trabalhosa gestação da idade média.

Nas nações contemporaneas, o sentimento nacional, salvo por accidentes, como na rivalidade entre a França e a Allemanha, creada pela conquista da Alsacia e da Lorena, não tem os mesmos estímulos dos perigos impendentes, como soia acontecer aos gregos e romanos os quaes, no ponto de vista da nossa civilisação, resumem para nós o mundo antigo.

Entretanto, como a Humanidade está ainda bem longe de dispensar as fronteiras e de fazer uma só nação, esse sentimento não sómente tem ainda razão de ser, como é indispensavel á vida das nações, que sem elle viriam a deperecer em uma morte triste, despercebida e ingloria.

O conflicto da vida, mesmo, mudou apenas de aspecto. Em geral não é mais a gloria militar e a dilatação das fronteiras o escopo que anima os povos. A conquista, envergonhada, se disfarça sob o nome de reivindicações, desculpadas com a historia ou com a theoria das nacionalidades

ou, quando fóra do mundo civilisado, com o de cruzada da civilisação contra a barbaria. A lucta, porém, não cessa; apenas de militar tornou-se industrial; não acende acaso o patriotismo ardente dos gregos e romanos, mas aguça talvez mais os appetites de gosar e tirar da vida a maior somma de utilidade que ella comporta.

Incontestavelmente e tristemente é tal o estado d'este fim de seculo, em que por detraz de vinte milhões de homens prestes a se dilacerarem, apparecem muitos milhões mais que elevando quasi a um principio social a lei biologica da victoria do mais apto na lucta pela vida, se apparelham formidavelmente para ella, impavidos e fataes, como o cavalleiro espectro das lendas medievaes, pedindo a sciencia quasi omnipotente dos nossos dias que, novo Vulcano, lhe forge as armas invulneraveis para o medonho combate.

Governos e povos sentem que « n'esta arena pacifica da lucta industrial » consoante a rhetorica com que os arautos annunciam os seus torneios, si não corre sangue, morre-se tambem. E a competencia redobrando de esforços, não esquecem excitar e desenvolver os elementos indis-

pensaveis do triumpho. D'esses elementos, como de outras luctas já o foi em éras idas, é principal o sentimento nacional, agora tambem estimulado, é certo, pela perspectiva e pela apprehensão da lucta. E estímulo é este tão forte que ás vezes só por si o produz e alenta, do que são exemplo irrecusavel os Estados-Unidos, aos quaes si, com alguns esclarecidos pensadores, negarmos esse sentimento por lhe não acharmos os mesmos fundamentos historicos e moraes que o produzem algures, não é licito comtudo refusal-os como-manifestação, de um lado do legitimo orgulho nacional por espantosos progressos realisados apenas no discorrer de um seculo, de outro pela necessidade de sustentar e manter o preço d'essas conquistas que o menor desfallecimento, dada a acuidade da lucta, póde fazer periclitlar.

«Este universal movimento, diz Tocqueville, reinante nos Estados-Unidos, estas viravoltas frequentes da fortuna, esta imprevista dislocação das riquezas publicas e privadas, tudo junta-se para entreter a alma em uma especie de agitação febril que admiravelmente a dispõe a todos os esforços e a mantém, por que digamos assim,

acima do nivel commum da humanidade. Para um americano, a vida inteira se passa como uma partida de jogo, um tempo de revolução, um dia de batalha. Estas mesmas causas, operando ao mesmo tempo sobre todos os individuos, acabam por impor uma feição irresistivel ao character nacional.»¹

Não valeram, porém, esses incentivos da pugna industrial, si as nações, descuradas de si, não procurassem tambem alentos novos e levantadas inspirações na consciencia do seu passado, da qual derivam a fé no seu futuro.

Dos meios a que pódem recorrer para trazer o espirito nacional sempre desperto, é dos principaes o estudo da historia patria, porque o conhecimento da patria é a base do patriotismo.

No Brazil esse estudo não é sómente descuidado, mas não existe, nunca existio, e a consequencia é a profunda ignorancia em que vivemos da nossa historia.

Na Allemanha, que é preciso citar sempre que se tratar de educação e, principalmente da educação como meio de desenvolver o senti-

¹ *Obra cit.*, pag. 429.

mento nacional e fortificar o patriotismo, na Allemanha o estudo da historia patria é feito desde a escola primaria até a universidade. É feito n'um alto espirito patriotico e como um meio pedagogico efficaz de educação nacional.

O já citado Sr. George Dumesnil, membro do alto ensino francez, enviado pelo seu governo em missão pedagogica official a Allemanha, diz: «É conhecido o admiravel partido que soube a Allemanha tirar da historia, no ponto de vista do ensino nacional e patriotico. Jahn, o *pae da gymnastica* na Allemanha, o qual logo após a derrota de Iena lhe preparara a desforra, podia dizer depois: a guerra da redempção.» — O dia 31 de Março (entrada dos alliados em Paris), o 18 de Junho (batalha de Waterloo, chamada na Prussia batalha da Bella-Alliança), e o 18 de Outubro (batalha de Leipzig) tornaram-se grandes dias da gymnastica. Em 1842, Fernando Stiehl, eminente pedagogo prussiano, publicava em Coblentz, sob o titulo de: *O ensino nacional da historia em nossas escolas primarias*, os seguintes pensamentos: «O fim principal da historia é fundar e vivificar o sentimento nacional, o amor da patria, o patriotismo... É a vós, mestre-escolas, que incumbe

a missão de dar principios e forma aos sentimentos e á vida da geração que, depois de nós, vae ser o povo... Entendo por historia nacional, na escola primaria, o que é verdadeiramente nacional; assim, para nós outros rhenanos, não sómente a historia do Brandeburgo, mas a do Rheno, da Allemanha e da Prussia-Brandeburgo. Demais, não comprehendo o ensino da historia como uma nomenclatura, uma exposição nua e secca de nomes de principes, de guerras, de conquistas, etc.; quero que nos ponham no verdadeiro meio historico do povo, *communicando-nos os factos de uma epoca, os mais importantes documentos e os mais commoventes cantos nacionaes*. Si quizermos *despertar, pelo ensino da historia nacional, um amor consciente da patria e assegurar-lhe uma influencia sobre os sentimentos, sobre a vida nacional e a geração futura*, faz-se mister banir da escola primaria o ensino que vae systematicamente para diante, paragrapho por paragrapho.»¹

E Stiehl propunha o agrupamento das materias da historia nacional segundo um calenda-

¹ G. Dumesnil, *Obra cit.*, pag. 32.

rio patriótico, o que foi adoptado em 1854 pela reforma do ensino primário, na qual tomou parte o illustre pedagogo.

Aos dias nacionaes consagrados na epoca da reforma, vieram juntar-se outros como os das mais recentes victorias allemães, Sadowa, Gravelotte, etc. «O anniversario de Sedan, continua o Sr. Dumesnil, tornou-se o dia da verdadeira festa nacional e apagou as outras commemorações. Esse dia é celebrado na Prussia inteira não por lições particulares na classe, mas por ceremonias, discursos, exercicios gymnasticos, cantos e ferias em todos os estabelecimentos de instrucção publica. Em summa, o ensino historico é em todas as suas partes animado do mesmo espirito patriótico. O livro de leitura vem em auxilio do ensino historico propriamente dito e conta á criança as glorias de seu paiz e de seus principes. Sobretudo foi elle quem encarregou-se de realisar a parte mais bem ideada dos processos preconisados por Stiehl, a que põe ao alcance da criança *os mais commovedores cantos nacionaes.*»¹

¹ Dumesnil, *Obra cit.*, pag. 35.

Os cantos patrioticos, em que é tão rica a litteratura allemã, uns anonymos e verdadeiramente populares, outros de seus poetas, alguns illustres, coopera efficaamente no ensino historico, e tendo como vehiculo a musica, importante ramo da educação esthetica nas escolas allemãs, infiltra-se por assim dizer na alma popular, e n'ella grava indelevelmente o ensino didactico da historia patria.

É um regulamento official citado pelo Sr. Dumesnil, determina: «No ensino do canto far-se-á alternar os canticos e as canções populares. O fim é que cada escolar possa cantar com justeza e segurança não sómente em côro mas só, e que ao sair da escola, possua perfeitamente um numero sufficiente de canticos e cantos populares, e ache-se tanto quanto possivel penetrado do texto d'estes ultimos.»

No Brazil fôra acaso achado ridiculo o poder que introduzisse na escola os cantos populares, como parece merecer o menos preço dos graves prudhommes quem se occupa de estudal-os. ¹

¹ Sobre esta questão veja-se o interessante livrinho do Sr. Adolpho Coelho, *Os Elementos tradicionais da educação*, Porto.